UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

TIAGO AUGUSTO SILVA VICENTE

ESPAÇO URBANO E SEXUALIDADE: A TERRITORIALIZAÇÃO DA POPULAÇÃO LGBT NO LARGO DO AROUCHE E NA RUA FREI CANECA (SÃO PAULO/SP)

São Paulo
2015

TIAGO AUGUSTO SILVA VICENTE

ESPAÇO URBANO E SEXUALIDADE: A TERRITORIALIZAÇÃO DA POPULAÇÃO LGBT NO LARGO DO AROUCHE E NA RUA FREI CANECA (SÃO PAULO/SP)

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Betioli Contel

São Paulo

2015

FOLHA DE AVALIAÇÃO

TIAGO AUGUSTO SILVA VICENTE

ESPAÇO URBANO E SEXUALIDADE: A TERRITORIALIZAÇÃO DA POPULAÇÃO LGBT NO LARGO DO AROUCHE E NA RUA FREI CANECA (SÃO PAULO/SP)

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em: _____ de _____ de 2014.

BANCA EXAMINADORA

_____

Orientador: Prof. Dr. Fabio Betioli Contel

_____

Prof. Dr. Ricardo Mendes Antas Jr.

_____

Prof. Dr. Rodrigo Ramos Hospodar Felippe Valverde

Agradecimentos

Primeiramente agradeço aos meus pais e a valorização da educação que ofereceram desde os meus primeiros passos na vida escolar, assim como agradeço a minha irmã um dos maiores exemplos que tive durante toda a minha vida.

Agradeço meu companheiro , Klismann Matos, pelos debates no âmbito da geografia, por me dar tanto apoio na conclusão deste trabalho e pelo companheirismo de todas as horas.

Agradeço a Sarah Fernandes, Camila Galindo e Camila Franco por toda a jornada juntos ao longo de nossa graduação, vocês contribuíram para que essa caminhada se tornasse ainda mais especial.

Agradeço Rafael Chiachiri, Leonardo Graciani, Vanessa Bianco e Victória Vianna, companheiros de estágios na minha formação enquanto bacharel em geografia durante a graduação, vocês contribuíram muito para a minha formação como geógrafo e como ser humano em nossas conversas no cotidiano. Agradeço Ana Carolina Ramos, companheira nos estágios da minha formação enquanto licenciado em geografia.

Agradeço especialmente Julia Zapata, Matheus Eberlin, Mariane Rodrigues e Adriana Cristina, amigos de outros cursos de graduação que somaram muito para minha vivência enquanto universitário.

Agradeço Danatiele Rodrigues, Denise Piccirillo, Beatrice Menezes, Ana Cechinel e Rita Almeida por toda a amizade nos últimos anos dentro do Departamento de Geografia. Agradeço especialmente Jennifer Terriaga pelos debates acerca deste trabalho bem como a ajuda relativa ao material cartográfico.

Agradeço a reitoria da Universidade de São Paulo que me concedeu uma bolsa pró-pesquisa de iniciação científica – a bolsa RUSP – para a realização do trabalho intitulado “Da segregação social à segregação espacial: A apropriação do espaço urbano pela população LGBT na cidade de São Paulo, os casos do Largo do Arouche e da Rua Frei Caneca”, com duração de doze meses compreendido no período de 01 de agosto de 2013 até 31 de julho de 2014.

Agradeço meu orientador, professor Fabio Betioli Contel, pela paciência e dedicação ao longo deste trabalho, mas principalmente por ter me dado uma resposta positiva quanto ao desafio do tema que abordo neste TGI.

RESUMO

Duas distintas áreas da cidade de São Paulo foram analisadas durante a pesquisa, o Largo do Arouche e a Rua Frei Caneca. Ambas possuem uma concentração de estabelecimentos voltados ao público LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Tratamos deste fenômeno como uma territorialização da comunidade LGBT. Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais se apropriaram deste território, constituindo fronteiras, relações de poder e a produção de um espaço simbólico para a sociabilidade dessa camada da população. Conforme demonstrou ainda nossa revisão bibliográfica e nossa pesquisa empírica, este grupo social é segregado em outros espaços da cidade, devido principalmente ao preconceito homofóbico.

Palavras-chave: território, população LGBT, espaço urbano, São Paulo

ABSTRACT

Two different areas of São Paulo City are critically examined during the research, the Arouche Square and the Frei Caneca Street. Both have a concentration of establishments directed to the LGBT community (Lesbian, Gays, Bisexuals, Transvestites, Transsexuals and Transgender). We refer this phenomenon as a territorialization of the LGBT community. Lesbian, gays, bisexuals, transvestites and transsexuals have appropriated this territory, forming borders, relations of power and the production of a symbolic space for the sociability of such layer of the population. According to what our bibliographic revision and our empirical research demonstrated, this social group is segregated in other spaces of the city due mainly to homophobic discrimination.

Key words: territory, LGBT population, urban space, São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 São Paulo: Pixação na Rua Amaral Gurgel 17
Figura 2 Área do Largo do Arouche 21
Figura 3 São Paulo: Vista do Largo do Arouche próxima a Rua Amaral Gurgel 26
Figura 4 São Paulo: Centro de Referência da Diversidade (CRD)..... 31
Figura 5 São Paulo: Vista do Largo do Arouche na área conhecida como "Prainha do Arouche" 36
Figura 6 Área da Rua Frei Caneca..... 37
Figura 7 São Paulo: área residencial na Rua Frei Caneca 47
Figura 8 São Paulo: edifício residencial de alto padrão na Rua Frei Caneca 48
Figura 9 São Paulo: Rua Peixoto Gomide..... 49
Figura 10 São Paulo: prédios corporativos na Rua Frei Caneca 50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Preços: República e Vila Buarque 11
Tabela 2 – Preços Bela vista e Cerqueira César 11

Sumário

1 Introdução 9

1.1 Definição do tema 9

1.2 Organização do trabalho de campo 12

2. Territorialização da população LGBT 13

2.1 A apropriação do território por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros 13

2.2 Quadro teórico de referência da pesquisa 14

2.3 Espaço, gênero e sexualidade 18

3 A formação de um território gay na cidade de São Paulo: o Largo do Arouche 21

3.1 Histórico de ocupação do Largo do Arouche e adjacências pela comunidade LGBT 21

3.2 O perfil da apropriação do Largo do Arouche e arredores por pessoas LGBTs . 27

4 Novos eixos de territorialização da população LGBT em São Paulo: a Rua Frei Caneca 37

4.1 A população LGBT ocupa novas áreas do espaço urbano: a ocupação da Rua Frei Caneca 37

4.2 A apropriação da Rua Frei Caneca e arredores pela população LGBT: novas relações de consumo e padrões hegemônicos 40

Considerações Finais 51

Referências 56

ANEXO I: MAPA DO LARGO DO AROUCHE 62

ANEXO II: MAPA DA RUA FREI CANECA 63

1 Introdução

1.1 Definição do tema

No início da realização de nossa pesquisa, duas distintas áreas da cidade de São Paulo foram analisadas, de maneira a demonstrar como se dão diferentes usos do espaço na metrópole paulistana: o Largo do Arouche e a Rua Frei Caneca. Ambas possuem uma concentração de estabelecimentos voltados ao público LGBT, tema de nossa investigação.

Tratamos deste fenômeno como uma territorialização de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. As duas áreas não somente possuem estabelecimentos voltados a este público, como também reúnem diversos eventos políticos, de lazer, bem como ações que visam à promoção da visibilidade LGBT.

Utilizamos a sigla LGBT em consonância com o padrão adotado pelos movimentos sociais e pelo governo brasileiro após a 1° Conferência Nacional de Gays, Lésicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais realizada em Brasília no ano de 2008[1].

O movimento LGBT brasileiro já passou por outras denominações. De início, se denominava como “movimento homossexual”, tendo evoluído para a sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), e posteriormente passa a incluir os bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros na denominação, passando a ser conceituado como GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais). A mudança da sigla na troca de GLBT por LGBT atende as reinvindicações das mulheres lésbicas que sofrem a dupla opressão (por gênero e por orientação sexual). Atualmente a maioria dos movimentos sociais em defesa da diversidade sexual no mundo utiliza a sigla LGBT.

A partir das décadas de 1970 e 1980 há um período de mobilização política no Brasil, vinculada principalmente a luta contra o regime militar. Surgem também movimentos sociais que não objetivavam a tomada do poder do Estado nem a participação direta em partidos e sindicatos. Posteriormente, novas relações levavam temas da vida privada para a esfera pública, e este

[1] Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/lgbt>. Acessado em: 22.ago.2013.

aspecto foi intensamente debatido pelo movimento feminista, que lutava contra a opressão e subjugação que as esposas sofriam perante seus maridos; também foi alvo de extensos debates o contexto da violência contra a mulher, sobretudo em ambientes domésticos.

Apesar de todas as particularidades e complexidade dos temas mencionados, adotaremos neste trabalho a sigla LGBT colocando gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros como parte de um mesmo movimento social. Relatando o surgimento de novos movimentos sociais, Melucci (2001, p. 81) mostra que:

> As questões antagonistas não se limitam a atingir o processo produtivo em sentido estrito, mas consideram o tempo, o espaço, as relações, o si mesmo dos indivíduos. Surgem questões relacionadas com o nascimento, com a morte, com a saúde, com a doença, que colocam, em primeiro plano, a relação com a natureza, a identidade sexual e afetiva, do agir individual

Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros se apropriaram destas novas formas de entendimento de sua realidade, e passaram a valorizar a construção de territórios "próprios", constituindo fronteiras, relações de poder e a produção de um espaço simbólico para a sociabilidade urbana dessa parcela da população (segregada em outros espaços da cidade devido ao preconceito homofóbico). A homofobia, segundo o dicionário Michaelis, é a "aversão ou rejeição ao homossexual".

Como forma de realização de uma primeira aproximação empírica ao tema, foi elaborada uma tabela com preços de entradas para casas noturnas voltadas ao público gay na cidade de São Paulo, nos arredores de ambas as áreas de estudo. Os preços foram consultados com base no guia da Folha de S. Paulo[2] e da Revista Veja[3]. A tabela 1 apresenta os dados de casas noturnas na zona central da cidade, nos bairros Vila Buarque e República, correspondendo aos arredores do Largo do Arouche; já a tabela 2 apresenta

[2] Disponível em: <http://guia.folha.uol.com.br/noite/1196354-confira-32-bares-e-baladas-gays-para-curtir-em-sao-paulo.shtml>. Acessado em: 29.nov.2014

[3] Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/estabelecimento/danger-dance-club>. Acessado em 29.nov.2014

dados dos bairros de Cerqueira César e Bela vista, como áreas próximas a Rua Frei Caneca.

Tabela 1 - Arredores do Largo do Arouche (República e Vila Buarque): preços médios da entrada nas casas noturnas (2014)

Casa Noturna	Preços
ABC Bailão	R$ 15,00 a R$ 30,00
Cantho	R$ 25,00 a R$30,00
Danger Dance Club	R$20,00

Fonte: Guia da Folha de S. Paulo e Guia da Revista Veja

Tabela 2 - Arredores da Rua Frei Caneca (Bela Vista e Cerqueira Cesar): preços médios da entrada nas casas noturnas

Casa Noturna	Preços
A Lôca	R$ 30,00 a R$50,00
Club Yatch	R$ 40,00 a R$100,00
Tunnel	R$ 20,00 a R$ 50,00
Bofetada Club	R$ 15,00 a R$ 25,00

Fonte: Guia da Folha de S. Paulo e Guia da Revista Veja.

Pelas tabelas elaboradas é possível averiguar uma sensível diferença dos preços praticados pelas casas noturnas voltadas ao público gay, sendo as casas noturnas da área central da cidade mais baratas se comparadas as casas noturnas nos bairros da Bela Vista e Cerqueira César, demonstrando assim que o poder aquisitivo se constitui num elemento central da segregação urbana dentro da própria sociabilidade homossexual.

1.2 Organização do trabalho de campo

Três trabalhos de campo foram realizados no decorrer de nossa investigação. Dois de caráter observacional, tendo sido um deles realizado no Largo do Arouche e o outro no Shopping Center Frei Caneca. O terceiro trabalho de campo foi realizado no Centro de Referência da Diversidade, localizado na zona central da cidade e mantido pela Prefeitura de São Paulo.

Em dois dos trabalhos de campo foi realizada uma observação sistemática dos ambientes, uma observação planejada para responder a propósitos preestabelecidos dentro da pesquisa. Os locais de observação foram o Largo do Arouche e o Shopping Center Frei Caneca.

Nos trabalhos de campo de observação sistemática, foram verificadas características como as faixas etárias, sexo, raça e vestimentas, porém sem normas extremamente rígidas e padronizadas, conforme critérios explanados por Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2010) no livro "Fundamentos de metodologia científica".

No Largo do Arouche, o trabalho de campo foi realizado no dia 18 de julho de 2014, uma sexta-feira. O início se deu por volta das 23h10 e o término por volta das 00h10, o local escolhido foi o bar "Sai de Baixo", que recebe este nome em referência a famosa série da TV Globo[4], onde os personagens habitavam um apartamento no Largo do Arouche.

Na Rua Frei Caneca, o trabalho de campo iniciou-se por volta das 18h30 e teve seu término às 19h30 e ocorreu no dia 21 de julho de 2014, uma segunda-feira. O local escolhido foi o Shopping Center Frei Caneca, um fixo geográfico extremamente importante para o bairro e grande centro de consumo para os homossexuais de classe média na cidade de São Paulo.

Por fim, foi realizada uma entrevista não-estruturada no Centro de Referência da Diversidade (CRD) também nos moldes expostos por Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2010). A entrevista não era dirigida, assim o entrevistado expressou suas opiniões com total liberdade. Ao

[4] Programa criado por Luis Gustavo e Daniel Filho com direção de Denis Carvalho, foi exibido entre 1996 e 2002, posteriormente alguns episódios foram criados no ano de 2013.

entrevistador coube o papel de incentivador, levando o entrevistado a falar sobre as principais atividades do CRD.

2. Territorialização da população LGBT

2.1 A apropriação do território urbano por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros

Os homossexuais são afligidos constantemente por sentimentos de culpa que os levam a ocultarem-se, ter medo do desemprego, do ridículo, do afastamento ou mesmo do banimento por parte da família. O território apropriado por homossexuais se torna então o local onde as pressões do cotidiano são afastadas, onde o homossexual possui condições de assumir – mesmo que momentaneamente – sua própria sexualidade, buscando assim uma nova identidade social.

Edward MacRae (2005) defende que o “gueto” homossexual contribui para a construção de uma nova identidade social, e que esse fator pode contribuir para que um gay possa vir a ser conhecido enquanto homossexual em todos os meios que frequenta. O autor defende dessa forma a importância da existência do “gueto”, e que a frequência da população LGBT nestes espaços, mais cedo ou mais tarde, acabará afetando suas outras esferas sociais.

Uma visão positiva do tema aborda que os espaços apropriados ou destinados aos homossexuais oferecem proteção e incentivos para que os homossexuais possam vir a se assumir, após o contato com outros homossexuais.

Como aponta MacRae (2005), não existe um consenso sobre a representatividade do “gueto” para estes grupos sociais, sendo que muitos homossexuais criticam a “guetização” do grupo, e apontam o caminho para obtenção da cidadania LGBT na ocupação de todos os espaços da cidade.

Dentro do movimento LGBT, a defesa ou não do “gueto” é algo polêmico, sendo que muitos militantes não atuam neste espaço preferindo

fazer de sindicatos, partidos ou mesmo ONGs (Organização Não Governamental) seus fóruns de luta política.

Neste conjunto de debates e propostas, convive também uma visão negativa do tema, onde o confinamento dos homossexuais em determinados bairros – ou estabelecimentos – gera uma segregação social e espacial dessa camada da população, não contribuindo dessa forma para o combate à homofobia.

2.2 Quadro teórico de referência da pesquisa

Néstor Perlongher (1987) foi um dos pioneiros no estudo das relações sociais entre homossexuais masculinos nas áreas do Largo do Arouche e da Praça da República, e em seu trabalho chegou à conclusão de que não haveria propriamente um "gueto gay paulistano" (com as características definidas originalmente pela Escola de Chicago do conceito de "gueto"), apesar de certos requisitos serem preenchidos (como uma área de cultura gay e certo isolamento social). Para o autor, características importantes definidoras de um gueto se mostram ausentes no entorno do Largo do Arouche, principalmente quando se pensa na concentração residencial do grupo oprimido, no caso os homossexuais. Não existindo esta concentração residencial, não se pode falar na formação de um gueto gay propriamente dito.

Da mesma forma que no Largo do Arouche, a Rua Frei Caneca possui moradores homossexuais e certo isolamento social, porém também não se configura como um gueto gay, já que a rua possui muitos moradores heterossexuais (assim como no seu entorno), bem como diversos estabelecimentos que não foram criados para atender exclusivamente o público LGBT.

A questão da habitação é um requisito fundamental para que o Largo do Arouche e a Rua Frei Caneca não se caracterizem como guetos, tais como os famosos *Chinatowns* ou mesmo as *Gay Villages* existentes em algumas cidades da América do Norte.

Simões e França (2005) utilizam o termo “mancha” para denominar as zonas da cidade frequentadas por homossexuais, sendo essas áreas providas de estabelecimentos reconhecidos pelos homossexuais como propícios para sua sociabilidade. Os autores delimitam dessa forma duas manchas na cidade de São Paulo, sendo a primeira no Centro, e a segunda na área dos Jardins. Os dois autores delimitaram as manchas em seus trabalhos, porém seu foco não foi a análise propriamente espacial do fenômeno, e sim o estudo da relação da comunidade LGBT com o mercado de consumo.

O termo mancha é usado por França e Simões (2005) como um espaço de concentração de estabelecimentos que são reconhecidos por seus frequentadores como pontos de referência dos serviços e da sociabilidade que oferecem, apresentam uma iconografia própria na paisagem e também no imaginário dos seus frequentadores, algo como o “espaço vivido” para os geógrafos. Os autores também colocam que a mancha pode ter formas e fronteiras difusas:

> Entende-se, assim, que o esforço de talhar e manter espaços parcialmente protegidos não apenas resulta em novas maneiras de organizar e gerenciar comportamentos e identidades sexuais, mas permite também por em questão as regulações dominantes de sexo e gênero – fazendo parte, assim, de uma luta política mais ampla para a definição do que é legítimo em termos de sexualidade e projeto de vida. Por isso, argumentava MacRae, é da maior importância a existência do ‘gueto’: mais cedo ou mais tarde, ele acaba afetando outras áreas da sociedade (SIMÕES e FRANÇA, 2005, p. 310)

Em função da revisão bibliográfica realizada, optamos neste trabalho por caracterizar a apropriação deste espaço por essa população como uma *territorialização*.

Esta camada da população se apropria deste espaço provocando, nas palavras de Rogério Haesbaert (2004), uma “apropriação simbólico-cultural” de um território. Estas parcelas do espaço geográfico apropriadas – e passíveis de serem cartografadas – possuem certas características próprias: trechos de fronteiras delimitadas conforme variam os períodos do dia; uma historicidade própria; relações sociais de poder que dela derivam; e um espaço simbólico na produção de identidade. O conceito de território será aqui utilizado como

apropriação do espaço vivido por um determinado grupo gerando identidades territoriais, modificações na ordem espacial, nas relações sociais e na própria paisagem dentro de uma escala local. De acordo com Haesbaert (2004, p. 92):

> Enquanto a economia globalizada torna os espaços muito mais fluidos, a cultura, a identidade, muitas vezes re-situa os indivíduos em micro ou mesmo mesoespaços (regiões, nações) em torno dos quais eles se agregam na defesa de suas especificidades histórico-sociais e geográficas. Não se trata apenas de que estamos, genericamente, "agindo mais sobre as imagens, os simulacros dos objetos, do que sobre os próprios objetos", como afirma Raffestin. A exclusão social que tende a dissolver os laços territoriais acaba em vários momentos tendo o efeito contrário: as dificuldades cotidianas pela sobrevivência material levam muitos grupos a se aglutinarem em torno de ideologias e mesmo de espaços mais fechados visando assegurar a manutenção de sua identidade cultural, último refúgio na luta por preservar um mínimo de dignidade.

Haesbaert (2004) analisa quatro distintas vertentes do uso do conceito de território. A primeira delas se relaciona com seu uso político, dizendo respeito ao âmbito das relações de espaço e poder institucionalizados, num sentido jurídico-político. Trata-se da vertente mais utilizada na geografia, onde o território é tratado como um espaço controlado, onde é exercido um determinado tipo de poder, corriqueiramente relacionado ao poder político do Estado.

A segunda vertente de análise do território é a cultural, ou simbólico-cultural, onde a dimensão simbólica é reforçada. Sob esta ótica, as diferentes porções do espaço são vistas como produto da apropriação de um grupo, tratando-se da relação de um grupo de pessoas com seu espaço vivido.

A terceira forma de análise diz respeito a vertente econômica, se tratando de uma linha menos difundida, e que evidencia a dimensão espacial das relações econômicas. O território é a fonte dos recursos, e as porções do espaço são agregadas no embate entre as distintas classes sociais bem como na relação capital-trabalho. Esta vertente é comumente utilizada quando se fala em divisão territorial do trabalho, por exemplo.

Uma quarta abordagem é acrescentada pelo autor, baseando-se na relação entre sociedade e natureza, compondo dessa forma uma "vertente naturalista".

A partir destas opções identificadas, escolhemos então trabalhar com o conceito de território em uma *perspectiva simbólico-cultural*. Pelo que mostrou nossa investigação, a população LGBT cria laços com essas duas distintas áreas da cidade, e ambos os territórios contribuem como espaços de referência na construção de múltiplas e distintas identidades dentro da comunidade LGBT.

O território se constitui num elemento central para a reprodução de diversos grupos sociais, incluindo a população LGBT, já que com suas ações mediadas neste espaço, age como referência para a construção de identidades. O território possui uma historicidade, elemento essencial da constituição do espaço, indissociável à historicidade do grupo social a ele vinculado. Essa historicidade se reflete também na formação da paisagem, como acúmulo do tempo.

As áreas de estudo apresentam em sua paisagem elementos que expressam a identidade do grupo social, isso é notório em boa parte dos estabelecimentos comerciais ali presentes. Dentre outros marcadores da paisagem, foi possível observar que alguns são identificados com a bandeira gay, mas também foi possível encontrar marcas do grupo social expressos como forma de chamar a atenção pela falta de visibilidade da população LGBT como expresso na Figura 1, com a pixação na deteriorada área abaixo do elevado Costa e Silva, na Rua Amaral Gurgel, próximo a Rua Marquês de Itu (famoso ponto de prostituição de travestis).

Figura 1 – São Paulo: Pixação na Rua Amaral Gurgel

Fonte: Autoria de Tiago A. S. Vicente (13/09/2013)

Também é possível identificar certa institucionalização destes territórios como espaços simbólicos de apropriação da população LGBT, como o fato de o poder público instalar o *Centro de Referência da Diversidade* e o *Museu da Diversidade* nos arredores do Largo do Arouche. Soma-se a isso o fato de a Parada do Orgulho LGBT[5] iniciar-se na Avenida Paulista – a avenida mais famosa da cidade –, porém terminar no Centro da cidade, onde os estabelecimentos ao redor do Largo do Arouche ficam de prontidão a espera do público ao final do evento.

Os territórios estudados se diferenciam não apenas pelas diferenças econômicas, no seio da apropriação deste espaço, mas também por diferenças culturais marcantes, que surgem nos distintos tipos de sociabilidade. Na área central de São Paulo encontramos festas para homens mais velhos, e festas para padrões estéticos não hegemônicos, enquanto na Rua Frei Caneca temos festas num padrão estético mais rígido e mais moderno, que se alinha a uma cultura mais globalizada, moderna e consumista (Facchini, 2008).

2.3 Espaço, gênero e sexualidade

Como apontado por Ornat (2008) e Silva (2008), a geografia inicia suas discussões envolvendo os temas de gênero e sexualidade em meados da década de 1970, nos EUA e na Inglaterra. Surgem os subcampos da "Geografia Feminista" e a "Geografia da Sexualidade".

Ornat (2008) e Silva (2008) também tratam da história dos estudos envolvendo espaço, gênero e sexualidade no Brasil. São temas recorrentes as questões de gênero no campo, as migrações, e a feminização da pobreza. Os trabalhos deste tipo no Brasil ganham certo fôlego a partir da década de 1990, com a proposição de pesquisas de diversas geógrafas em distintas universidades do país. Apesar desta ascensão, os autores destacam que ainda existem relativamente poucos trabalhos neste campo de estudo da geografia,

[5] A Parada do orgulho LGBT de São Paulo ocorre desde 1997 na Avenida Paulista, e se caracteriza como uma manifestação social em prol da garantia dos direitos civis da população LGBT.

demonstrando a marginalização dos temas ligados ao gênero e à sexualidade dentro da história da disciplina.

Ornat (2008) aponta o trabalho de geógrafos anglófonos como referência no campo da geografia e sexualidade, lembrando de nomes como os de Davis Bell, John Binnie, Gill Valentine, Nancy Duncan, Richard Phillips, Peter Jackson, Linda McDowell e Gillian Rose, como geógrafos atuantes nas questões de espaço, gênero e sexualidade. Ornat também cita a chegada de programas de geografia feminista em universidades de países como Estados Unidos, Inglaterra, Índia, Canadá, Jamaica, Suíça e Nova Zelândia, demonstrando um grande aumento deste campo da disciplina geográfica em diversas partes do mundo.

Novos grupos de discussão sobre os temas de geografia e gênero têm mostrado um relativo aumento, Ornat (2008) também aponta a existência de grupos específicos na *Association of American Geographers* (*Geographic Perspective on Woman Specialty Group*), *Royal Geographical Society with the Institute of British Geographers* (*Woman and Geography Study Group of IBG*), *International Geographical Union* (*Commission on Gender and Geography*), *Canadian Association of Geographers* (*Canadian Woman and Geography Study Group*).

Dentro da atuação brasileira cabe destacar a ação do Grupo de Estudos Territoriais (GETE) com distintas linhas de atuação em diferentes escalas se colocando na vanguarda dos temas de geografia, gênero e sexualidade no Brasil. Merece destaque também a Revista Latino-americana de Geografia e Gênero que possui edições semestrais desde 2010.

A geografia deve avançar no estudo de sujeitos historicamente marginalizados na sociedade. As diversas existências espaciais devem ser objeto de estudo da geografia e possuem um papel importante na desconstrução de discursos hegemônicos. A geógrafa Joseli Maria Silva (2008, p. 26) aponta ainda que:

> A ciência geográfica hegemônica é marcada por privilégios de sexo e de raça, características que dificultaram a expressão das espacialidades dos grupos das mulheres, dos não-brancos

> e dos que não se encaixam na ordem heterossexual dominante. Durante muito tempo, as existências espaciais desses grupos ou de suas ações concretas não foram consideradas ‘adequadas’ como objetos de estudos do campo da geografia. A razão de suas ausências no discurso geográfico deve ser entendida pela legitimação naturalizada dos discursos hegemônicos da geografia branca, masculina e heterossexual, que nega essas existências e também impede o questionamento da diversidade de saberes que compõem as sociedades e suas mais variadas espacialidades.

Silva (2008) também fala a respeito da importância dos novos estudos da geografia – principalmente nas novas correntes feministas – com trabalhos acerca dos distintos grupos que compõem o espaço geográfico e suas relações de identidade e de poder que perfazem:

> “O movimento feminista da geografia ampliou as noções das diferenças que marcam profundamente o espaço, em qualquer escala adotada para análise, e qualquer que seja o foco de interesse, vinculando as complexas relações entre corpos, identidades e poder na produção material e simbólica do espaço”. (Silva, 2008, p. 43)

Joseli Maria Silva também aponta a necessidade do aumento da produção de estudos de geografia, gênero e sexualidade na América Latina, com suas particularidades avançando na construção de um saber mais independente e menos europeizado.

A geografia caminha assim na construção de saberes que buscam a visão de atores não hegemônicos. Espaço, gênero, poder, sexualidade e território se misturam no desenvolvimento de um complexo cenário social, formado por atores historicamente marginalizados, por vezes invisibilizados, mas que jamais deixaram de ocupar uma porção do território e fazer deste território parte de seu espaço vivido.

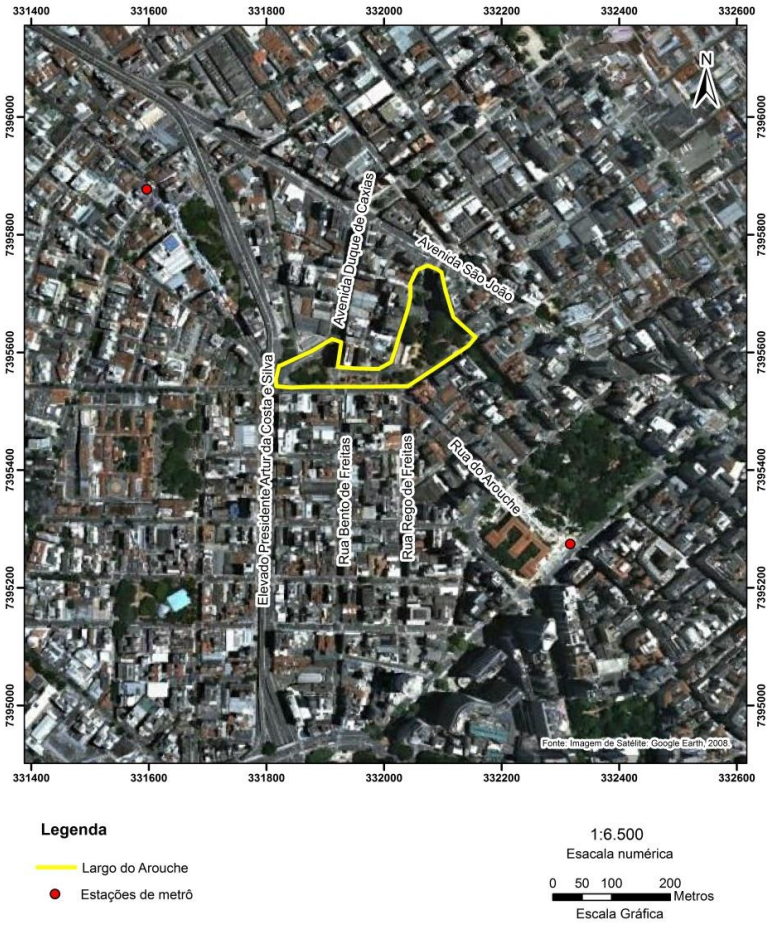
Poder simbólico, político, econômico e cultural se mesclam assim numa complexa rede espacial de poder nas relações sociais da população LGBT na cidade de São Paulo.

3. A formação de um território gay na cidade de São Paulo: o Largo do Arouche

3.1 Histórico de ocupação do Largo do Arouche e adjacências pela comunidade LGBT

O marechal José Arouche de Toledo Rondon, militar, engenheiro e escritor, é homenageado com o topônimo do Largo do Arouche, área que conjuntamente com a Rua Vieira de Carvalho e os arredores da Praça da República reúnem bares e boates voltados ao público gay. A imagem abaixo permite uma visualização mais aproximada desta parcela do espaço urbano que nos interessou na pesquisa:

Área do Largo do Arouche



Fonte: Google Earth

A área já concentrou grande parte da “vida noturna gay” paulistana, porém com a deterioração da zona central da cidade, homossexuais de classe média se deslocaram para outros bairros, destacando-se os bairros da Bela Vista e Jardins, com maior concentração na Rua Frei Caneca.

Durante a segunda metade do século XX, particularmente durante a década de 1970, intensifica-se o processo da migração da centralidade financeira de São Paulo de seu centro histórico em direção à Avenida Paulista. Posteriormente inicia-se a constituição de uma área especializada em serviços sofisticados nas avenidas Paulista, Brigadeiro Faria Lima, Engenheiro Luís Carlos Berrini e em diversos trechos da Marginal Pinheiros; estas localidades passam a demonstrar uma nova configuração do espaço urbano da cidade de São Paulo. Esta modificação se dá em distintos âmbitos e afeta desde os setores empresariais até os setores culturais.

Uma sequência de obras viárias na zona central da cidade tornou-se um fator crucial para a perda de dinamismo econômico do centro histórico de São Paulo, e consequentemente para a formação do denominado “centro expandido”, onde o vetor sudoeste da cidade passa a ser cada vez mais valorizado (Nakamo; Campos; Rolnik, 2004, p. 127).

A zona central de São Paulo foi tratada como um ponto de articulação da estrutura viária da cidade, elevados e viadutos passaram a fazer parte de sua paisagem e assim esta parcela do espaço urbano foi fortemente deteriorada em vários lugares. As partes inferiores dos viadutos se tornaram extremamente degradas com pichações, moradores de rua e o descarte de lixo.

A desvalorização da zona central de São Paulo trouxe consigo uma queda nos preços dos imóveis, transformando o perfil socioeconômico de algumas áreas e um esvaziamento demográfico em outras.

Pelo menos desde meados da década de 1950, o entorno do Largo do Arouche é uma área de frequência homossexual (Silva, 1958). Néstor Perlongher (1987), também apontava que o Largo do Arouche estava integrado a área denominada de *Boca do Lixo*, próxima a Praça Júlio Prestes.

Néstor Perlongher liga o “gueto” gay do Centro de São Paulo com a definição de “região moral” da Escola de Chicago, com hotéis pensões e pequenos apartamentos alugados. O autor cita que no caso específico das *bocas* paulistanas, o território é um ponto de fluxo, onde os gays coexistem espacialmente com tipos marginais (Perlongher, 1987: 63-64), ocorrendo dessa maneira a formação de uma multiterritorialidade na zona central paulistana.

Os homossexuais enquanto grupo social marginalizado e estigmatizado convivem nesta multiterritorialidade da zona central da cidade com o tráfico de drogas, a violência e a prostituição.

O Largo do Arouche era no passado, conjuntamente com a Rua Vieira de Carvalho, o grande reduto paulistano dos homossexuais de classe média. As duas áreas se contrastavam com a Praça da República, local marginalizado e que já contava com a presença da prostituição masculina em meados da década de 1970 (Perlongher, 1987). As décadas de 1970 e 1980 foram cruciais para a apropriação territorial dos homossexuais na cidade de São Paulo, comparando-se as apropriações ocorridas por gays em outros países do mundo ocidental:

> O final da década de 1970 em São Paulo assistiu a uma ruidosa saída do armário, tendo como epicentro o largo do Arouche. Impressionado com a movimentação paulistana, o sociólogo norte-americano Frederick Whitmam escreveu, em 1979, que o burburinho da população gay dos fins de semana do largo do Arouche nada ficava a dever ao das famosas Castro Street, de São Francisco, e Christopher Street em Nova York. (Simões e Facchini, 2009, P. 74).

Uma evidência empírica desta efervescência do Largo do Arouche, já na década de 1970, foi a publicação do Jornal[6] “O Lampião da Esquina”, que revela parte do histórico da sociabilidade homossexual naquela época, mediada pela clara distinção de classe social, que também já se manifestava em uma distinção da ocupação espacial da porção central da cidade. Como mostra um depoimento sobre a agitada vida do lugar à época,

[6] O jornal Lampião da Esquina foi um periódico destinado ao público homossexual brasileiro que circulou durante os anos de 1978 e 1981, tendo um total de 38 edições.

> “Em termos de badalação ou frequência, a praça perde de longe para a rua Vieira de Carvalho ou o Largo do Arouche, locais considerados mais nobres, mais classe média, onde o pessoal vai mostrar sua nova camisa Pierre Cardin ou o sapato bico fino que está na moda. Ou o carro do ano que papai está ajudando a pagar. O engraçado é que a Vieira de Carvalho começa na República, mas o pessoal classe média se escandaliza, torce o nariz para a praça. Para irem ao outro lado da cidade (rua Barão de Itapetininga), o máximo que admitem é andar pelas calçadas nas extremidades. Entrar lá dentro, nem mortas!” (Dantas, 1979, p. 6)

Em meados da década de 1970, já se expressava na área uma distinta relação entre a sociabilidade homossexual, sendo a Rua Vieira de Carvalho e o Largo do Arouche ocupado por homossexuais de classe média, contrastando com a Praça da República, que já se apresentava como uma área deteriorada e ocupada predominantemente pela atividade da prostituição masculina.

O Centro de São Paulo também se colocava como espaço de ocupação e resistência para diversos grupos marginalizados da cidade, sendo que os homossexuais que frequentavam o Largo do Arouche sofriam uma dura repressão em sua condição de vulnerabilidade, como demonstra o relato a seguir a respeito da “Operação Richetti” que visava “limpar” o centro da cidade de grupos sociais que não agradavam a sociedade “tradicional”:

> Nas semanas iniciais, as investidas da polícia ocorreram de forma maciça, simultaneamente em diferentes regiões do centro, em horários dispares que variavam das quatro da tarde às quatro da madrugada, inclusive arrancando gente de dentro de táxis. Depois, pretextando insuficiência de efetivos policiais (!), a Operação Limpeza entrou num ritmo menos maciço, agora mais rotineiro. De tal modo que os carros de chapa fria ou camburões rondam sistematicamente o centro ou estacionam em pontos chave como o Largo do Arouche, levando quem não tiver carteira profissional assinada. ‘Precisamos tirar das ruas os pederastas, maconheiros, prostitutas’, é o que declara Richetti, dizendo-se revoltado porque certa noite topou com dois homens beijando-se em público. ‘Eles não respeitaram nem minha mulher’ reclama o delegado. (Trevisan, 1980, p. 18)

Como demonstra o trecho acima, os homossexuais eram colocados no mesmo patamar das trabalhadoras do mercado sexual e usuários de drogas, estigmatizados na sociedade brasileira das décadas de 1970 e 1980. Os

homossexuais encontraram no Largo do Arouche um espaço de sociabilidade e resistência no contexto da repressão no período do regime militar brasileiro.

O Largo do Arouche, bem como seu entorno, preserva seu tempo histórico através do espaço construído, e é possível identificar esta materialidade com outra temporalidade através da paisagem local. Podemos conceituar estas áreas como *rugosidades*, como denomina Milton Santos (2012). A paisagem dessa forma se torna o testemunho material e concreto de um dado momento da história deste espaço, e Milton Santos (2012, p. 173) coloca que:

> O espaço portanto é um testemunho; ele testemunha um *momento* de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas.

Os processos históricos e econômicos de expansão da cidade de São Paulo transformaram o Largo do Arouche em uma área repleta de hotéis, restaurantes e bares, também surgem apartamentos residenciais para atender a demanda da classe média.

As *rugosidades* da zona central preservam uma dupla função na área do Largo do Arouche - a comercial e a residencial - formando uma superposição que perdura há décadas, coexistindo com as modernas funções dessa porção do espaço.

Figura 3 – São Paulo: Vista do Largo do Arouche próxima a Rua Amaral Gurgel

Fonte: Autoria de Tiago A. S. Vicente (09/11/2014)

Convive com a apropriação desta área pela população LGBT formas construídas para atender a demanda de seu tempo, mas que se preservam não apenas como formas, mas também como mantenedoras de suas funções. Este é o caso do famoso Mercado de Flores existente no Largo do Arouche, tradicional local que reúne diversos floristas.

Em 1953, o então prefeito Armando de Arruda Pereira removeu os floristas da Praça da República para o Largo do Arouche, que inclusive ficou conhecido como “Praça das Flores”, apresentando semelhança com os mercados de flores franceses.

A Avenida Vieira de Carvalho também possui hotéis que sobreviveram à degradação da zona central da cidade de São Paulo, assim como alguns

bares, porém boa parte do seu público foi alterado ao longo dos anos, pois parte da classe média que utilizava os estabelecimentos desta área deixou de frequentar os mesmos.

Um dos destaques nas transformações do uso desta área se deu nas modificações da utilização dos cinemas da zona central. Esta área já foi frequentada pela elite da cidade de São Paulo desde meados da década de 1940, quando parte da zona central foi apelidada de Cinelândia Paulistana. Após os aparelhos televisores tornarem-se populares na década de 1960, a área dos cinemas entrou decadência. Décadas depois, os cinemas que não foram fechados se tornaram igrejas evangélicas ou cinemas que exibem filmes pornográficos. O antigo Cine Arouche era considerado um grande cinema de arte na década de 1970 e atualmente exibe filmes de sexo explícito (Pelegrini e Faria, 2013).

É no final da década de 1980 que a zona central de São Paulo vai sofrer um relativo esvaziamento por parte da ocupação dos homossexuais (SIMÕES E FRANÇA, 2005). Perlongher (1987, p. 99) também afirma que a Operação Richetti contribuiu com as mudanças espaciais dos homossexuais, assim como das *bocas* paulistanas. Para o autor,

> O resultado mais eloquente da “limpeza” foi a supressão do Largo do Arouche como ponto focal de concentração das populações homossexuais. Os gays foram acantonados na Rua Marquês de Itu, entre as ruas Bento Freitas e Rego Freitas, na porta da boate H. S. No pedaço – literalmente denominado de “gueto gay” pelos seus frequentadores – perambulava uma população exclusivamente gay, sem travestis, michês estridentes nem “bichas” pobres e “pintosas” do estilo São João e Ipiranga. (Perlongher, 1987, P. 99)

3.2 O perfil da apropriação do Largo do Arouche e arredores por pessoas LGBTs

Atualmente a zona central de São Paulo possui diversos estabelecimentos voltados ao público LGBT, mas com uma profunda mudança de base econômica. Os estabelecimentos ao redor do Largo do Arouche atendem a parte da demanda dos gays vindos das classes populares, padrões estéticos não hegemônicos na “cultura gay” (além de travestis).

Esta área possui um menor prestigio social dentro do contexto da apropriação do espaço urbano pela população LGBT na cidade de São Paulo. É nesta área da cidade que são realizadas muitas das festas voltadas a homens “mais gordos”, “mais velhos”, atendendo dessa forma a demanda dos homossexuais não contemplados pelos padrões estéticos hegemônicos da comunidade LGBT.

A zona central da cidade também convive com a atividade da prostituição. Coexistem dois lugares-chave para este tipo de prática na área:

1. A Praça da República com concentração da prostituição masculina; e

2. As ruas Amaral Gurgel, Major Sertório e General Jardim que concentram a prostituição de travestis. Nas proximidades com a Rua Bento Freitas, há também a presença de prostituição feminina.

No que diz respeito à sua extensão espacial, são expressamente delimitadas as fronteiras entre as prostituições de travestis, mulheres e michês (homens que se prostituem) naquela parcela do espaço paulistano. O território dentro do universo da prostituição aparece como elemento chave dentro das relações de poder, inclusive sendo motivo de disputas internas entre os trabalhadores do sexo; entre um mesmo grupo, por exemplo, existem as travestis que disputam as mesmas quadras para exercer a atividade. A delimitação de fronteiras também ocorre entre indivíduos dos distintos grupos: um homem não se prostitui nas quadras dominadas pelas travestis e vice-versa.

As travestis marginalizadas socialmente terminam por ter as portas do mercado de trabalho fechadas, restando para a maioria o caminho da prostituição. Apesar da presença de prostituição de travestis em diversas regiões da metrópole, a Rua Amaral Gurgel e seu entorno se tornou um dos maiores símbolos da prostituição de travestis na cidade de São Paulo.

Pelos baixos valores de aluguéis e a forte presença da prostituição em geral no bairro, é muito comum encontrar “hotéis” nessa malha urbana que na verdade funcionam como motéis e oferecem diárias de 12 horas ou menos.

Estes fixos geográficos são muito utilizados pela clientela das travestis, prostitutas e michês.

Simões e França (2005) também apontam que a zona central da cidade nunca deixou de formar uma territorialização dos homossexuais em São Paulo. O território apresenta fronteiras móveis, de acordo com os períodos do dia e da semana, e pela concentração de estabelecimentos voltados a estes grupos sociais. Os autores também citam ruas e pontos de referência para os homossexuais nesta área:

> A área compreendida pela Praça da República, Avenida Vieira de Carvalho e Largo do Arouche tem se mantido como porção inexpugnável do circuito homossexual paulistano há várias décadas. Depois de um período de relativo esvaziamento no final dos anos 80, essa área central voltou a florescer desde meados da década passada, e hoje aparece como uma "mancha popular" do circuito homossexual paulistano. Ali a concentração de estabelecimentos ocupa também as transversais da Vieira de Carvalho (ruas Aurora e Vitória) – lado a lado com botecos, cinemas e casas de espetáculos de sexo explícito que não foram apropriados pelo público homossexual – , e se estende para as avenidas São João e Ipiranga, com cinemas que exibem filmes de sexo explícito entre homens; bem como na direção dos bairros vizinhos da Vila Buarque (ruas Marquês de Itu, Amaral Gurgel), onde se espalham garotos de programa; e da Bela Vista (ruas Martinho Prado e Santo Antônio), onde se encontram bares e danceterias voltados para lésbicas. Desde a década de 1970, pelo menos, essa "mancha" se conserva praticamente na mesma localização geográfica, estando por assim dizer incorporada ao cotidiano do velho centro da cidade. (Simões e França, 2005, p. 316-317).

É no entorno do Largo do Arouche que se pode encontrar um estabelecimento mantido pelo poder público voltado a comunidade LGBT, o Centro de Referência da Diversidade (CRD), entidade escolhida para ser alvo de nosso trabalho de campo (o estabelecimento se localiza na Rua Major Sertório, na Vila Buarque). O CRD funciona como uma parceria entre a prefeitura de São Paulo e o *Grupo Pela Vidda* que realiza trabalhos voltados às pessoas portadoras do vírus HIV. O CRD oferece atividades de prevenção a DST/AIDS por manter o vínculo com o *Grupo Pela Vidda*.

O foco do Centro de Referência da Diversidade é oferecer assessoria social, psicológica e jurídica para a comunidade LGBT, e no trabalho de campo realizado foi relatado que o centro costuma atender até 400 pessoas ao mês[7].

O CRD atende também as travestis que se prostituem na região. Foi dito durante o trabalho de campo no CRD que o estabelecimento chega a atender também os companheiros de algumas travestis que trabalham no entorno, oferecendo atendimento psicológico e na atuação da prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs).

O Centro de Referência da Diversidade realiza atividades de prevenção à estas doenças, particularmente a AIDS, e atua dessa forma também com homens e mulheres heterossexuais que exercem a atividade da prostituição na área central da cidade.

Buscando oferecer formas de contribuir com a inserção da população LGBT no mercado de trabalho formal, problema que afeta particularmente as travestis e transexuais, o CRD também realiza oficinas de caráter profissionalizante.

Um setor jurídico também se faz presente dentro da estrutura do CRD com a função de prestar assessoria à comunidade LGBT com suas necessidades específicas, o que inclui, por exemplo, a busca pela utilização do nome social pelas travestis e transexuais.

Também foi relatado durante a entrevista que o CRD realiza encontros de jovens que visam abordar temas de interesse da juventude LGBT, as reuniões ocorrem com o apoio da Associação Brasileira de Pais e Mães de Homossexuais (GPH).

Muitas das atividades ocorrem no espaço de convivência do local, decorado pelos próprios funcionários com o intuito de mostrar receptividade para o público vulnerável que o centro atende.

[7] O trabalho de campo foi realizado no dia 11 de novembro de 2014, uma terça-feira e teve duração aproximada de 40 minutos. A entrevistada foi a funcionária Bianca, uma das responsáveis pelo acolhimento do público.

Figura 4 – São Paulo: Centro de Referência da Diversidade (CRD)

Fonte: Autoria de Tiago A. S. Vicente (11/11/2014)

A Defensoria Pública de São Paulo já escolheu o Largo do Arouche como palco para orientações jurídicas à população sobre direitos homoafetivos e de combate à homofobia por meio de seu Núcleo de Combate à Discriminação, Racismo e Preconceito. Em um acontecimento dos eventos

identificados para a pesquisa, e que foram organizados para este fim, participaram seis defensores públicos, que prestaram esclarecimentos quanto a Lei Estadual N° 10.948/01 que penaliza administrativamente a prática de discriminação por orientação sexual. Neste evento ocorrido em dezembro de 2012, um material informativo também foi distribuído.

Outra ocasião também promovida pela Defensoria Pública de SP escolheu o Largo do Arouche para tratar da Lei Estadual 10.948/01, em evento ocorrido em janeiro de 2013. Além de prestar orientação acerca do uso do nome social por travestis e transexuais, o evento visava chamar atenção para o dia da visibilidade transexual.

É no entorno da área central da cidade que se pode encontrar duas igrejas denominadas “inclusivas”. Trata-se de templos espirituais que visam integrar e aceitar a população LGBT dentro do cristianismo.

A presença das igrejas inclusivas tem sido um fenômeno crescente. Muitos homossexuais não abandonam o cristianismo, mesmo após se assumirem enquanto gays. Com o conflito permanente entre a homossexualidade e a doutrina cristã, surgem em diversos países ocidentais novas igrejas, as denominadas “inclusivas”, que não se colocam como “igrejas gays”, mas sim como espaço de espiritualidade cristã que aceita todas as orientações sexuais. Algumas dessas igrejas ao redor do mundo inclusive chegam a realizar cerimônias como o casamento homoafetivo, bem como buscam estudar a bíblia sob um novo ângulo.

As igrejas inclusivas existem há algumas décadas nos EUA, e no Brasil surgem na década 1990. Essas igrejas enfrentam forte oposição por parte das comunidades católicas e igrejas evangélicas, apesar de muitas manterem dogmas cristãos, como o celibato antes do casamento e a monogamia após o matrimônio.

Na Rua Amaral Gurgel pode-se encontrar também uma igreja que acolhe a comunidade LGBT, a denominada Comunidade Cristã Nova Esperança (CCNE). A igreja tem como lema a seguinte frase: *uma igreja que*

acolhe a diversidade humana[8]*.* A igreja expõe a doutrina cristã e se descreve como uma igreja inclusiva.

Outra igreja existente na área é a denominada Comunidade Cidade de Refúgio, localizada na Avenida São João. Esta igreja cristã foi fundada por duas pastoras, Lanna Holder e Rosania Rocha. Em seu *site*[9] a igreja anuncia que "o evangelho precisava ser pregado a um povo esquecido e afastado da graça por mãos humanas", e a pastora aderiu a "teologia inclusiva".

Além destes fixos geográficos voltados para a inclusão social da população LGBT, o estudo verificou que há também nesta parte da cidade uma série de estabelecimentos voltados para o consumo desta população (no seu sentido mais geral). Foi identificado que este consumo destinado à população LGBT na área central da cidade não se dá apenas através do mercado do entretenimento representado por bares, boates, saunas e cinemas. É possível identificar lojas destinadas exclusivamente ao público LGBT.

Um dos destacados estabelecimentos na área central da cidade de São Paulo é a loja Acessórios Arco-Íris, inaugurada em 1996. No estabelecimento, localizado na Rua Vitória, é possível adquirir diversos artigos com estampas da bandeira gay como chaveiros, pulseiras, copos e cinzeiros. A venda de bandeiras gays bem como de diversas peças de vestuário destinadas a gays e lésbicas também ocorre por meio da internet.

Outro fixo geográfico importantíssimo se situa nesta área central da cidade: a Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo (APOGLBT), que possui sua sede na Praça da República. A entidade é a responsável pela organização da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, bem como pelas atividades que antecedem o evento, no Mês do Orgulho LGBT de São Paulo, onde possui sua maior visibilidade.

A Parada do Orgulho LGBT visa abordar temas que proporcionem a visibilidade pela luta dos direitos da população LGBT, bem como atua no combate à discriminação social desta camada da população.

---

[8] Disponível em: <http://www.ccnei.org/>. Acessado em: 08.ago.2014.
[9] Disponível em: <http://jesuscidadederefugio.com.br/sitenovo/>. Acessado em: 09.ago.2014.

A Parada do Orgulho LGBT também tem se tornado importante evento de caráter econômico para a cidade. Segundo a São Paulo Turismo (SPTuris), a edição de 2013 movimentou R$ 59,5 milhões na economia paulistana. Outro levantamento também realizado pela SPTuris em 2012 aponta que quase 40% do público é turista[10].

Dentro dos movimentos políticos em defesa da diversidade sexual, a Parada do Orgulho LGBT tem se tornado motivo de intensas discussões por sua vinculação com o mercado e a apropriação deste espaço por empresários que atuam para o segmento LGBT.

Cabe destacar que os locais de concentração da frequência homossexual são também escolhidos como alvos prioritários dos grupos que perseguem a comunidade LGBT. Um dos casos mais famosos e emblemáticos de homofobia explícita ocorreu nas imediações da Praça da República em dezembro de 2006, quando um homossexual foi agredido por oito *skinheads* e perdeu o rim direito (em função das consequências da agressão). O caso ganhou fama após o estado de São Paulo ser condenado a pagar indenização para a vítima (Pereira, 2009). A defensora pública Vania Agnelli alegou que a administração pública deveria tomar medidas para assegurar a proteção da população, já que haviam ocorrido casos de agressão a homossexuais na mesma área anteriormente.

Outro caso de destaque – devido ao alto grau de violência envolvido – ocorreu em 2009, quando uma bomba caseira chegou a explodir na Rua Vieira de Carvalho, após o término da Parada do Orgulho LGBT (Pereira, 2009). Os estilhaços feriram 21 pessoas, atingindo os participantes do evento que decidiram prolongar a noite na movimentada rua repleta de bares gays, entre a Praça da República e o Largo do Arouche.

Feitas estas considerações sobre eventos significativos da territorialidade dos grupos LGBTs na cidade de São Paulo, podemos seguir a análise proposta a partir da descrição dos trabalhos de campo realizados nos últimos meses. Conforme mencionado, para aprimorar a parte empírica de

[10] Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20140502_4.html>. Acessado em: 05.dez.2014.

nossa investigação, foi realizado um trabalho de campo no dia 18 de julho de 2014 (uma sexta-feira) no período noturno no Largo do Arouche, no bar “Sai de Baixo”, localizado na área conhecida como “Prainha do Arouche”.

No trabalho de campo foi averiguada a forte presença de casais homossexuais masculinos e femininos no entorno do Largo do Arouche, bem como grupos de amigos homossexuais.

Foi observada certa diversidade de pessoas no bar, onde foi possível notar em uma mesa um grupo de homossexuais brancos na faixa entre 30 a 40 anos e outro grupo de homossexuais pardos, na faixa entre os 20 a 30 anos. Uma das mesas era ocupada por um casal de lésbicas e a última mesa do recinto comportava um grupo misto de amigos composto por cerca de oito pessoas.

No bar localizado ao lado esquerdo do recinto onde o trabalho de campo foi realizado era possível notar a presença massiva de lésbicas, demonstrando uma apropriação distinta deste bar de acordo com o gênero.

No bar localizado a direita, um estabelecimento maior, era possível notar uma diversidade de pessoas incluindo a presença de ambos os gêneros, e uma travesti, demonstrando um caráter mais heterogêneo do recinto.

Figura 5 – São Paulo: Vista do Largo do Arouche na área conhecida como “Prainha do Arouche”

Fonte: Autoria de Tiago A. S. Vicente (09/11/2014)

Os bares do Arouche concentram, assim, três funções:

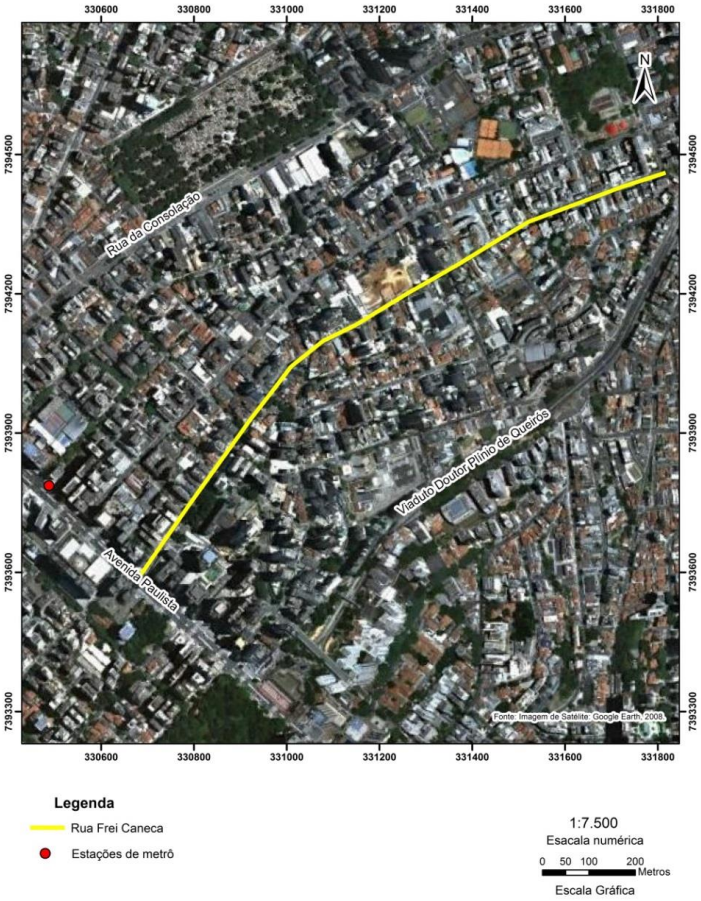
1. a primeira diz respeito ao lazer de casais homossexuais, que não se sentindo a vontade em todos os espaços da cidade preferem continuar frequentando os territórios apropriados pelos homossexuais, mesmo após encontrar um parceiro (a).
2. A segunda diz respeito às pessoas solteiras, que enxergam neste espaço um nicho mais facilitado para a busca de um parceiro (a).
3. A terceira função diz respeito aos grupos de amigos homossexuais, que buscam a sociabilidade nestes territórios para a diversão noturna.

4. Novos eixos de territorialização da população LGBT em São Paulo: a Rua Frei Caneca

4.1 A população LGBT ocupa novas áreas do espaço urbano: os usos da Rua Frei Caneca

A Rua Frei Caneca esta localizada no bairro de Cerqueira César, uma das áreas mais valorizadas da cidade de São Paulo. Possui uma de suas extremidades na Avenida Paulista, valorizada centro financeiro, comercial e cultural da cidade, sendo a outra extremidade próxima a Praça Franklin Roosevelt, já nas adjacências da área central de São Paulo, como pode-se observar na imagem abaixo:

Área da Rua Frei Caneca



Fonte: Google Earth

A rua abriga uma concentração de estabelecimentos voltados ao público LGBT. E rivaliza com o Largo do Arouche como área de referência para a comunidade LGBT da cidade de São Paulo.

A ocupação do entorno dos Jardins por casas de entretenimentos GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) se inicia por volta da década de 1990 (Facchini, 2008). Este movimento ocorre após o esvaziamento da ocupação da área central da cidade ocorrida em meados de 1980.

Situada entre os distritos da Bela Vista e Consolação, a Rua Frei Caneca se localiza em uma das áreas mais nobres da cidade. Amplamente influenciada pela ação do setor imobiliário, a rua concentra muitos apartamentos de alto padrão, bares, boates, estabelecimentos comerciais e um fixo geográfico extremamente moderno, o Shopping Center Frei Caneca. Dadas estas características, a sociabilidade nesta região é fortemente mediada pelas relações de consumo.

Bruno Puccinelli (2011) aponta o curioso fato de que a maioria dos estabelecimentos voltados aos homossexuais localizados na Rua Frei Caneca localizam-se na calçada do *shopping center*, fato que indica que este fixo geográfico tem se tornado assim um espaço de referência da sociabilidade homossexual na cidade. Do outro lado da calçada localizam-se principalmente edifícios de moradias de classe média.

Puccinelli (2011) aponta que homossexuais se deslocam de outras áreas da cidade de São Paulo em direção ao Shopping Center Frei Caneca. Para além do público paulistano, o autor faz referência a consumidores que chegam a se deslocar de outras cidades – e até de outros estados – para conhecer o “shopping gay” de São Paulo.

A Rua Peixoto Gomide, próxima desta área que foi foco de nossa pesquisa, concentra alguns bares e acaba servindo de “área satélite” da Rua Frei Caneca, principalmente às sextas-feiras e sábados a noite, entre as Ruas Frei Caneca e Augusta. Possui alta concentração de jovens e adolescentes, que pela idade que os impede legalmente de frequentar casas noturnas e pela falta de dinheiro não conseguem se estabelecer na Rua Frei Caneca.

A Rua Augusta também apresenta forte presença de homossexuais em sua movimentada vida noturna, porém o espaço dessa área é dividido com diversos grupos culturais da metrópole, onde se mesclam em uma multiterritorialidade skatistas, roqueiros, jovens de classe média, homossexuais, dentre outros grupos. A propósito da diversidade de grupos que compõem a sociabilidade da Rua Augusta, Yara Schreiber Dines coloca que:

> A Rua Augusta vem passando por um processo de renovação urbana. A facilidade de acesso ao ônibus e ao metrô, além de bares, restaurantes e pontos de balada, que aí se localizam, começou a atrair jovens de diferentes grupos urbanos - como *vegans*[11], *emos*[12], a moçada do universo da moda e das artes, roqueiros, GLS, dentre outras turmas, compondo esta ´cena´ noturna, cujos personagens convivem no mesmo espaço com mulheres da noite, dançarinas de strip-tease e vendedores ambulantes. Neste sentido, o Baixo Augusta – quadrilátero formado pela Avenida Paulista, Rua Augusta, Praça Roosevelt e Rua da Consolação – mostra-se como ponto de encontro, reafirmando seu caráter boêmio, por atrair jovens de diferentes estratos sociais da metrópole, ainda mais por estar próximo ao Centro. (Dines, 2011, p. 1)

Apesar de não concentrar moradores exclusivamente gays, a Rua Frei Caneca apresenta um crescimento de moradores LGBTs, como já apontava matéria da Folha de São Paulo, intitulada “Turista gay em São Paulo tem de visitar a Rua Frei Caneca”, veiculada em 26 de jun. 2005. Na notícia, ficou identificado que um corretor de imóveis afirmava ter vendido 20 apartamentos próximo àquela rua para travestis, que ganharam dinheiro no continente europeu (em um prédio com 174 unidades). A mesma reportagem diz que um corretor de imóveis afirma ter descoberto que a velocidade das vendas de um prédio na rua duplicava quando fazia propaganda em bares, boates e saunas gays, ao invés de seus tradicionais pontos de publicidade (como supermercados e academias de ginástica).

---

[11] Pessoas *vegans* ou veganas, possuem um estilo de vida baseado na não exploração animal, dessa forma não consomem nenhum tipo de produto de origem animal sejam alimentos, roupas ou objetos em geral, também não consomem entretenimento que utilize animais tais como rodeios, produtos que são testados em animais tais como cosméticos também são alvo de boicote. Disponível em: <http://www.veganismo.org.br/> Acessado em 07.fev.2015

[12] Os *emos* surgiram como tribo urbana na década de 1980 nos Estados Unidos, tendo suas raízes um gosto pelo rock e pelo punk, mais precisamente pelo chamado emocore, um gênero musical que mistura hardcore (de tom mais agressivo) com letras românticas e sentimentais. Disponível em: <http://www.brasilescola.com/sociologia/emo.htm> Acessado em 07.fev.2015

O aumento das vendas de imóveis para este público se apresenta como a crescente busca de um local onde esta parcela da população se sente mais protegida do preconceito. O aumento das vendas e locações de imóveis também demonstra um crescente aumento da renda por parte dos homossexuais.

O *Shopping Center* Frei Caneca, conforme frisado, foi o principal fixo geográfico na área estudada que nos ajuda a explicar esta nova territorialidade instalada. O *Shopping* trouxe um *boom* para a especulação imobiliária da rua, valorizando especialmente o entorno do estabelecimento. A valorização dos imóveis toma impulso também com a territorialização da população LGBT na área, transformando o local em um dos endereços mais cobiçados e valorizados pelo mercado imobiliário paulistano.

Regina Facchini (2008) aponta que os estabelecimentos localizados nos bairros de classe média voltados às lésbicas possuem maior infraestrutura, bem como uma decoração mais elaborada no interior destes locais. Porém, praticam preços bem menos acessíveis do que os estabelecimentos localizados na porção central da cidade.

Facchini (2008) discorre ainda sobre as distintas festas voltadas para lésbicas na cidade. Ganha destaque a Rua Augusta, por abrigar festas com alta frequência de homossexuais femininas do circuito da música *rock*, sendo que esta rua possui ainda famosas casas noturnas destinadas a este gênero musical.

4.2 A apropriação da Rua Frei Caneca e arredores pela população LGBT: novas relações de consumo e padrões hegemônicos

A Rua Frei Caneca apresenta outro padrão econômico, cultural e simbólico de apropriação, se comparada à área do entorno do Largo do Arouche. Em uma escala local, acaba por majoritariamente representar o modelo de visibilidade do homossexual moderno, modelo amplamente divulgado nos EUA e nos países da Europa Ocidental.

A rua apresenta estabelecimentos que exigem consumidores com renda mais elevada, suas festas são frequentadas por gays e lésbicas com um padrão estético mais rígido e um gosto pela moda moderna e globalizada ligada à figura do homossexual.

Tem crescido também a fama da Rua Frei Caneca como ponto de referência na sociabilidade homossexual na cidade de São Paulo. Seus apelidos dentro da subcultura LGBT incluem termos como “Frei Boneca” e “Gay Caneca”.

O crescente poderio do mercado consumidor homossexual deu origem nos EUA ao termo *Pink Money*[13] que é acompanhado por um aumento da visibilidade da comunidade LGBT, representando um novo (e poderoso) mercado consumidor para as grandes empresas. Uma pesquisa realizada em 17 estados brasileiros pela *inSearch Tendências e Estudos de Mercado* cita o perfil econômico do homossexual masculino. Pelo levantamento, 39% deste público pertence às classes A e B, 30% pertence à classe C e 48% tem nível superior completo. Homossexuais gastariam 60% a mais em cosméticos e 28% a mais em itens de cultura e educação. Na pesquisa realizada, 88% dos entrevistados afirmaram ler jornais, 48% possuem TV por assinatura e 57% compram livros[14].

O poder do *Pink Money* tem se destacado em diversos países e em distintos setores da economia, como vestuário, cosméticos, alimentos e entretenimento. Alguns setores apresentaram crescimento tão expressivo que resultaram em micro empresas especializadas no público LGBT, como aquelas ligadas ao turismo. Atualmente em distintos países do mundo existem agências de turismo especializadas em atender homossexuais, inclusive se especializando em roteiros para gays e lésbicas. Os pacotes de viagens variam desde os voltados para solteiros até os passeios mais tranquilos para casais homossexuais.

---

[13] Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/10/1353466-blogay-mamma-mia-a-forca-do-pink-money-o-caso-barilla.shtml>. Acessado em: 02. Mar.2015.

[14] Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2013/06/01/internas_economia,369065/publico-gay-consome-em-media-30-mais-que-consumidor-hetero.shtml>. Acessado em: 10.jul.2014.

O turismo homossexual é um fenômeno que tem chamado fortemente a atenção do setor privado, mas também do poder público. A São Paulo Turismo S/A elaborou um guia de turismo dedicado ao público LGBT com roteiros de passeios pela cidade de São Paulo e dicas de restaurantes, casas noturnas e museus.

Cabe destacar que o movimentado mercado do turismo homossexual não cresce paralelamente ao turismo do público heterossexual, e o turismo gay ocorre quase exclusivamente nos países da América do Sul, América do Norte, Oceania e Europa, existem poucos destinos dentro do continente asiático. Segundo foi possível identificar em nossa pesquisa documental, alguns dos mais famosos roteiros incluem países como Israel e Canadá[15]. A criminalização da homossexualidade em diversos países – principalmente na África, no Oriente Médio e na América Central – ainda é uma forte barreira para a expansão desse nicho de mercado. Cabe lembrar ainda que alguns países chegam a prever a pena de morte para a prática da homossexualidade[16].

A Rua Augusta, paralela a Rua Frei Caneca, abriga uma agência de turismo especializada no público LGBT, a *Friendlytur*. Essas agências de viagem oferecem desde as opções de hotéis onde casais homossexuais podem solicitar uma cama de casal sem constrangimento, até guias com os bares e boates gays no local de destino. Cruzeiros voltados especificamente para este público também se tornaram outro nicho de mercado emergente.

O Shopping Center Frei Caneca, inaugurado em 2001, conta com grande infraestrutura. Além de cerca de 140 lojas, o estabelecimento possui salas de cinemas, teatro, supermercado, cabeleireiro, restaurantes, praça de alimentação, além de um centro de convenções.

O Shopping Center Frei Caneca rejeita fortemente o título de “shopping gay”, e foi criado para atender a demanda de consumo do bairro Cerqueira César. O estabelecimento não comemora datas que visam a promoção da cidadania LGBT, tampouco realiza qualquer tipo de ação visando

[15] Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,sp-e-um-dos-melhores-destinos-para-gays-diz-pesquisa,839904> Acessado em: 03.mar.2015

[16] A lista de países que aplicam a pena de morte para a prática da homossexualidade inclui Arábia Saudita, Irã, Iêmen, Mauritânia e Sudão, além de regiões da Nigéria e Somália.

especificamente este público. Apesar disso, o shopping foi apropriado por homossexuais que convivem com a população residente do bairro, que frequenta o shopping e forma outra parcela importante de seus consumidores. Não há lojas voltadas especificamente aos homossexuais, sendo que o shopping possui uma dinâmica idêntica a cultura do consumo globalizado dos shopping centers em outras grandes cidades.

Em função destes aspectos elencados, o *shopping* possuía em site[17] o slogan: "Shopping Frei Caneca: consumo e conveniência para todos". Esta estratégia de publicidade parece demonstrar a permanência de seu projeto de se impor como um grande centro comercial para toda a população do bairro Cerqueira César, jamais se voltando especificamente para o mercado consumidor homossexual.

A Rua Frei Caneca, distintamente do shopping que leva o mesmo nome, concentra diversos estabelecimentos voltados especificamente aos homossexuais, como bares, boates e cafés. Concentra diversos prédios residenciais e apartamentos, e foi um dos grandes vetores de valorização imobiliária da cidade nos últimos anos.

Esta área possui estabelecimentos tradicionalmente voltados à comunidade LGBT – alguns deles muito conhecidos – como a antiga boate "A Lôca" inaugurada em meados da década de 1990, e que permanece não apenas como referência para a vida noturna gay da cidade, como também para o circuito denominado *underground* da cidade de São Paulo.

Foi realizado um trabalho de campo no Shopping Center Frei Caneca no dia 21 de julho de 2014, no fim da tarde e início da noite. Foi possível notar ali que existe uma presença majoritária de homens gays, em praticamente todas as partes de estabelecimento, mas também a presença de lésbicas e mulheres heterossexuais, que ocorre num número bem mais reduzido (se comparada a dos homens).

Nota-se também a presença de alguns casais heterossexuais, inclusive com filhos passeando pelo *shopping*, o que reforça a tese de que os

[17] Disponível em: <http://www.freicanecashopping.com/paulista/>. Acessado em: 05.mai.2014.

homossexuais dividem o espaço comercial com as famílias que residem no entorno do estabelecimento. Estas famílias formam o grupo ao qual originalmente o *shopping center* visava atender.

Os homossexuais que frequentam os corredores do *Shopping Center* Frei Caneca são em sua expressa maioria brancos, e aparentam ser homens de classe média. Notou-se também neste trabalho de campo uma predominância de homens na faixa que oscila entre os 30 e 40 anos. Bruno Puccinelli (2001, p. 137) em suas observações acerca do shopping notou que:

> Por fim, a observação contínua do espaço permitiu inferir, por exemplo, a pouca presença de casais de mulheres andando de mãos dadas, ao contrário dos casais masculinos. Dentre estes a maior frequência pode ser observada principalmente aos domingos, sendo que num deles cerca de quinze casais, de mãos dadas ou trocando beijos, circulavam tranquilamente nos corredores. Esse é um dado importante a ser considerado, tendo em vista destacar opiniões positivadas ou negativadas em relação a esses fluxos gays.

Apesar de estarem listados em Guias Gay[18] da cidade, estabelecimentos localizados na Rua Frei Caneca, não se declaram como estabelecimentos gays em seus *sites*, como é o caso de famosos pontos como *Frey Café & Coisinhas, Tirreno's* e *O Frei Bar*.

Já ocorreram episódios de tensão entre os moradores da rua e a comunidade LGBT. Em 2010, uma audiência pública organizada pela Frente Parlamentar em Defesa dos Direitos da Comunidade LGBT (encabeçada a época pelo deputado estadual Carlos Giannazi) chegou a ser realizada. Denúncias sobre práticas homofóbicas vindas da Sociedade dos Amigos e Moradores do Bairro de Cerqueira César (Samorcc) ocorreram. Dirigentes de estabelecimentos LGBT relataram constantes ações da prefeitura e da polícia civil para constrangerem o público e promoverem o esvaziamento deste espaço. Naquele mesmo ano, o advogado da ONG Casarão Brasil chegou a mostrar documentos assinados pela então presidenta da associação Celia Marcondes, acionando o poder público contra os estabelecimentos[19].

---

[18] Disponível em: <http://www.guiagaysaopaulo.com.br/1/home.htm>. Acessado em: 06.jun.2014.

[19] Disponível em: <http://al-sp.jusbrasil.com.br/noticias/2147691/audiencia-debate-homofobia-na-frei-caneca>. Acessado em: 23.nov.2014.

Os conflitos entre os empresários das casas noturnas e bares LGBT e moradores demonstram uma disputa pelo espaço, e um indício de que a rua não está próxima de se tornar um *gueto gay*, sendo a territorialização da população LGBT ainda marcada por conflitos. A Rua Frei Caneca se coloca então como foco de uma multiterritorialidade onde o público homossexual convive com o público (e moradores) heterossexuais, sendo esta convivência ora pacífica, ora motivo de conflitos.

Um famoso episódio de tensão na rua ocorreu dentro do próprio Shopping Center Frei Caneca, no ano de 2003. O evento ocorreu quando um casal de homossexuais foi abordado por um segurança que solicitou que os dois parassem de se beijar. Posteriormente um ato denominado “beijaço” ocorreu no estabelecimento. O shopping que possui conhecimento do perfil de sua clientela não quis causar maiores atritos com seus consumidores e chegou a preparar uma recepção para o ato enfeitando o recinto com “beijos vermelhos” em todos os andares como mostra reportagem da Folha de S. Paulo ("beijaço" gay reúne 2.000 em shopping center em SP. 03/07/2003). Este episódio mostrou claramente a importância dos consumidores gays para o *shopping center,* bem como o poderio econômico deste grupo social.

A Rua Frei Caneca abriga também uma Organização Não Governamental (ONG) denominada Casarão Brasil, que visa defender os direitos das pessoas LGBTs. Cabe citar que as ONGs tem se destacado dentro do histórico político de luta por cidadania LGBT formando um importante grupo organizado em defesa dos direitos civis da população LGBT, assim como coletivos organizados e partidos políticos.

A ONG Casarão Brasil encabeçou uma tentativa de oficializar a Rua Frei Caneca como “rua gay” de São Paulo (Puccinelli, 2011). O projeto previa, por exemplo, calçadas temáticas e se justificava por outras ruas temáticas que a cidade já possui, bem como o fato de outras metrópoles possuírem ruas ou bairros gays. Houve uma reação por parte da Sociedade dos Amigos e Moradores de Cerqueira César (Samorcc). A associação de moradores alegou que a aprovação poderia trazer um estigma para seus moradores (BONADIO, 2008).

A ONG Casarão Brasil inclusive chegou a se envolver com a modificação do espaço da rua, e conjuntamente com o Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), realizaram um edital para um projeto de reurbanização da Rua Frei Caneca em 2010, a ser apresentado a SPTuris e a Secretaria Municipal de Planejamento (Domingos, 2010). O projeto buscava harmonizar o fluxo de veículos com calçadas mais largas, resultando em um maior espaço para pedestres. Porém, já passados alguns anos, nenhuma obra se iniciou na área.

Outro projeto da ONG Casarão Brasil previa solicitar a prefeitura a construção de um abrigo para moradores de rua homossexuais (Domingos, 2010). Estes moradores de rua eram costumeiramente recebidos com discriminação nos demais albergues da cidade, onde muitos destes abrigos são dirigidos por religiosos intolerantes à diversidade sexual. No entanto, foi a gestão do prefeito Fernando Haddad (PT), que inaugurou em 2014 o primeiro centro de acolhida para atendimento da população em situação de rua com espaço LGBT, no bairro do Carandiru na zona norte da cidade (Gomes, 2014).

A rua possui ainda estabelecimentos voltados unicamente à prática sexual entre homossexuais masculinos. Esta disposição de fixos geográficos especializados é passível de ser notada pela existência de uma sauna voltada aos gays masculinos, a *Labirintus Club*. Em suas imediações encontra-se também um *Sex Club* (o *Gladiators Club* na rua Dr. Penaforte Mendes).

Assim como na área central da cidade, o entorno da Rua Frei Caneca também costuma ser escolhido como alvo de *skinheads*, neonazistas e outros grupos de intolerância que atacam homossexuais. Em 2014, Bruno Borges de Oliveira foi assassinado no entorno da Rua Frei Caneca, e posteriormente a Polícia Civil prendeu seis suspeitos que na mesma noite agrediram e roubaram outras três vítimas, todas homossexuais (Pagnan, 2014). Eventos violentos como este nos ajudam a entender a importância da definição dos territórios na cidade de São Paulo, e das dificuldades que existem em relação às formas dos grupos sociais co-habitarem num mesmo espaço

A Rua Frei Caneca possui um perfil bastante heterogêneo de ocupação, já que em suas quadras se mesclam áreas majoritariamente ocupadas por

residências, outras por estabelecimentos comerciais, enquanto em uma de suas extremidades possui edifícios corporativos que abrigam escritórios.

A Rua possui um perfil predominantemente residencial entre as ruas Caio Prado e Dona Antônia de Queirós; nesta parcela do bairro nota se também a presença de alguns pequenos estabelecimentos comerciais (Figura 5).

Figura 7 – São Paulo: área residencial na Rua Frei Caneca

Fonte: Autoria de Tiago A. S. Vicente (17/10/2014)

Próximo ao *Shopping Center* Frei Caneca é possível perceber a presença de novos empreendimentos imobiliários estendendo a valorização dessa área para as Ruas Paim e Dr. Penaforte Mendes, que passaram por forte valorização de seus espaços. O *boom* imobiliário dessa área é impulsionado principalmente devido à instalação do Shopping Center Frei Caneca. Na centralidade da Rua Frei Caneca entre as ruas Dona Antônia de Queirós e Peixoto Gomide nota-se a presença de empreendimentos de alto padrão (Figura 6).

Esta também é a área de maior concentração de bares voltados aos consumidores LGBTs, formando um vetor de grande valorização da rua, tanto para o perfil residencial, como para o perfil comercial.

Figura 8 – São Paulo: edifício residencial de alto padrão na Rua Frei Caneca

Fonte: Autoria de Tiago A. S. Vicente (17/10/2014)

Bares e casas noturnas provocam um contraste na paisagem da Rua na área próxima da Rua Peixoto Gomide (Figura 7). Os estabelecimentos estão instalados em construções baixas, geralmente entre um ou dois andares, além de estarem decorados com cores escuras, em consonância com seu uso para entretenimento noturno. Estes bares provocam um forte contraste na paisagem se comparados com as áreas de prédios residenciais (e também em comparação com a área de prédios destinados a usos corporativos do espaço local).

Figura 9 – São Paulo: Rua Peixoto Gomide

Fonte: Autoria de Tiago A. S. Vicente (17/10/2014)

Entre a Rua Antônio Carlos e a Avenida Paulista nota-se a presença de prédios corporativos (Figura 8). A paisagem da rua é radicalmente transformada e a área é tomada por prédios espelhados e de arquitetura contemporânea. Esta localização de prédios ligados à ação de empresas se dá também pela proximidade com uma das áreas que mais concentram escritórios “de negócios” na cidade de São Paulo (a Avenida Paulista).

Figura 10 – São Paulo: prédios corporativos na Rua Frei Caneca

Fonte: Autoria de Tiago A. S. Vicente (17/10/2014)

A Rua Frei Caneca possui assim um espaço extremamente heterogêneo de ocupação com escritórios, comércios e residências; soma-se a isso a multiterritorialidade que forma ao mesclar a ocupação da rua pela comunidade LGBT conjuntamente com seus moradores e a clientela de seus estabelecimentos.

Considerações Finais

Uma primeira consideração que poderíamos fazer diz respeito às diferentes formas que são possíveis para o entendimento do espaço urbano paulistano. Conforme mostrou nossa pesquisa, é possível identificar relações de poder que estão expressas em um conjunto complexo de territórios, de acordo com a ação de distintos grupos sociais. Conforme foi possível observar nos trabalhos de campo – e também identificar na revisão bibliográfica realizada –, no entorno do Largo do Arouche, por exemplo, a prostituição é organizada entre homens, mulheres e travestis, com quadras e ruas expressamente delimitadas.

As relações de poder também se expressam nas diferenças de renda e de poder aquisitivo da população LGBT, já que os estabelecimentos comerciais e de serviços da Rua Frei Caneca se apresentam com preços superiores aos do Largo do Arouche, se configurando como um território restrito apenas aos homossexuais de classe média (ou alta). Assim, o controle do acesso através da renda pode se configurar em uma marcante característica das relações de poder no território.

O território pode aparecer desta forma também como um instrumento de padronização dos costumes e comportamentos destes grupos sociais, sendo que parece haver uma maior diversidade de classes sociais, cores, sexos e gêneros no Largo do Arouche, e maiores restrições – e um público mais padronizado – na Rua Frei Caneca.

No que se refere a construção de fronteiras urbanas por estes grupos, há que se colocar o elemento da mobilidade de acordo com o período do dia ou o período da semana. As fronteiras são flexíveis em ambos os casos estudados e a apropriação destes territórios se amplia espacialmente no período noturno, com ampliação ainda mais destacada nos finais de semana.

A sociabilidade homossexual na Rua Frei Caneca expande-se no período noturno para as ruas Augusta e Peixoto Gomide, em seus variados bares e boates. Na Rua Frei Caneca a sociabilidade homossexual nas quadras mais próximas a Avenida Paulista é quase inexistente, também pelo de que o

espaço nesta porção da rua é predominantemente ocupado por edifícios corporativos.

As fronteiras da sociabilidade homossexual na zona central percorrem o Largo do Arouche e a Avenida Vieira de Carvalho, sendo que no período noturno ocorre a atividade da prostituição na Praça da República.

Durante o período noturno é comum encontrar travestis exercendo a atividade da prostituição na zona central da cidade nas ruas Amaral Gurgel, Marquês de Itu, Major Sertório e Rego Freitas. A apropriação deste espaço com a finalidade de se praticar a prostituição se inicia ao anoitecer e pode perdurar até a manhã do dia seguinte. Durante o período vespertino, a atividade só costuma ocorrer aos finais de semana.

As fronteiras são delimitadas pelo próprio uso do espaço pelos grupos, como ocorre no caso da prostituição nos arredores do Largo do Arouche e da Praça da República. Os estabelecimentos comerciais, assim como a sociabilidade dos grupos, também delimitam fronteiras. A Rua Peixoto Gomide, por exemplo, se apresenta como uma extensão da sociabilidade homossexual da Rua Frei Caneca; quando se aproxima da Rua Augusta, a sociabilidade da população LGBT se mistura com diversos grupos da metrópole, sendo que nesta parcela do espaço ocorre então uma sobreposição das distintas apropriações do espaço, por diferentes grupos da cidade de São Paulo.

A flexibilidade das fronteiras em ambos os territórios admitem então a sobreposição da apropriação deste espaço pela comunidade LGBT com outros grupos sociais metropolitanos, em diversos períodos do dia. Conforme mostraram nossos trabalhos de campo exploratórios e a revisão bibliográfica, algumas áreas praticamente não concentram sociabilidade durante o dia, outras são pouco movimentadas durante os dias úteis, com exceção da sexta-feira. A respeito deste fenômeno – que pode ser definido como uma multiterritorialidade dos usos do espaço urbano –, Haesbaert (2004, p. 344) nos diz que

> Deste modo, a existência do que estamos denominando multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular

> uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma “multiterritorialidade”.

O geógrafo Jean Carlos Silva (2002, p. 29), também fala a respeito de um mosaico de territórios no interior de uma área:

> Os territórios urbanos que existem no interior do território da cidade formam muito mais que um mosaico, pois há superposição entre eles. Com efeito, as territorialidades urbanas são caracterizadas por superposição e mobilidade. Na cidade os territórios são fortemente demarcados, sendo constante a luta pela manutenção do controle social.

Cabe destacar que a sobreposição dos grupos em um território pode ocorrer com a harmonia na convivência, ou gerar conflitos pelo controle e a utilização do território, como por exemplo, o caso da disputa pelo espaço entre os moradores do bairro de Cerqueira César e os proprietários de bares e boates na Rua Frei Caneca. Ocorrências mais agudas podem também se consumar, como é o caso de todas as investidas violentas por grupos sociais homofóbicos contra membros da comunidade LGBT.

Neste sentido, foi apurado também que os territórios apropriados pela comunidade LGBT são escolhidos como alvos prioritários dos grupos de ódio, neonazistas e *skinheads* na busca pelo exercício da violência, justamente por aglomerar gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros oriundos de várias partes da cidade.

A identificação deste grupo ocorre ainda com um valor sentimental, já que os territórios “criados” são associados à sociabilidade do grupo, bem como a liberdade de exercer esta socialização de forma segura, em uma porção do espaço metropolitano.

Os territórios apropriados pela população LGBT abarcam uma grande diversidade de funções, de formas de sociabilidade e espaços de consumo. Nas áreas estudadas foi possível averiguar a presença de lojas, casas noturnas, bares, saunas, cinemas, igrejas, ONGs, estabelecimentos mantidos

pelo poder público, assim como espaços públicos apropriados por esta parcela da população.

O mercado tem sido fator de importância crescente na propagação de hábitos e atitudes associados à identidade homossexual, bem como estilos corporais cada vez mais rígidos. A diversificação, bem como a expansão dos territórios, demonstra uma intensa variação de estabelecimentos, que se distinguem segundo formato, público e preços.

O fator econômico se apresenta assim também como um determinante nas relações entre homossexuais, provocando uma segregação econômica dentro de um grupo já segregado socialmente. Essa segregação se reflete também em seu aspecto espacial, resultando nos dois distintos territórios apropriados pelos homossexuais na cidade de São Paulo, o Largo do Arouche e a Rua Frei Caneca.

O poder do mercado consumidor homossexual também mostrou força com a disseminação de revistas e seções em grandes jornais dedicadas ao público homossexual, bem como livros específicos voltados a esta parcela da população.

Também nota-se a formação de um emergente "empresariado homossexual" organizado (Simões e França, 2005), que atua nos territórios apropriados pela comunidade LGBT como em outros espaços da cidade.

Novas mudanças na sociabilidade também ocorrem com o avanço da *internet*, já que os homossexuais – assim como outros grupos sociais – buscam espaços para se sociabilizar, e com o aumento dos usuários da *internet* assiste-se também a um avanço de "guetos virtuais". A internet é atualmente um importante espaço para a busca de um parceiro, discussões políticas e busca por amizades, muitas vezes substituindo antigas funções dos territórios homossexuais urbanos.

Os territórios estudados se diferenciam pela questão econômica (diferenças de renda, poder aquisitivo, posse de bens etc.), mas também se estabelecem diferenças culturais marcantes no processo de apropriação destes espaços, já que surgem neles distintos tipos de sociabilidade. Na área central

de São Paulo encontramos festas para homens mais velhos, e festas para padrões estéticos não-hegemônicos; enquanto na Rua Frei Caneca, observamos a realização de eventos e festas num padrão estético mais rígido e mais moderno, que se alinha a uma cultura mais consumista, globalizada e moderna (Facchini, 2008).

A formação dos territórios implica assim, em uma formação própria das comunicações entre pessoas LGBTs que se associa a delimitação de fronteiras, bem como ao controle do acesso aos estabelecimentos localizados nesta porção do espaço, mesclando dessa forma a identidade territorial com a identidade do grupo que se apropria simbolicamente deste território.

Referências

BONADIO, L. Associação faz abaixo-assinado para transformar Frei Caneca em rua gay. G1, São Paulo, 29 de jul de 2008. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL704675-5605,00-ASSOCIACAO+FAZ+ABAIXOASSINADO+PARA+TRANSFORMAR+FREI+CANECA+EM+RUA+GAY.html>. Acessado em 20.jul.2013

DANTAS, E. Uma praça chamada República. O Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, 13 de jun de 1979. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/cedoc/lampiao/17%20-%20lampiao%20da%20esquina%20edicao%2013%20-%20junho%201979.pdf>. acessado em: 10.mai.2013

DINES, Y. S. Rua Augusta - Imaginários Urbanos e Juvenis em São Paulo. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciênciais Sociais. Salvador 2011.

DOMINGOS, R. ONG gay anuncia projeto de reurbanização da Frei Caneca. G1, São Paulo, 19 de mar de 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/noticias/saopaulo/0,,mul1535859-5605,00-ong+gay+anuncia+projeto+de+reurbanizacao+da+frei+caneca.html>. acessado em: 20.jul.2013.

FACCHINI, R. Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. Campinas, 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FOLHA DE SÃO PAULO. Turista gay em São Paulo tem de visitar a Rua Frei Caneca. Folha de S. Paulo, São Paulo. 26 de jul. 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u5120.shtml>. Acessado em 20.jul.2013.

FOLHA DE SÃO PAULO. "Beijaço" gay reúne 2.000 em shopping center em SP. Folha de S. Paulo, São Paulo. 03 de ago. 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u79567.shtml> Acessado em 20.jul.2013.

FOLHA DE SÃO PAULO. Confira 32 bares e baladas gays para curtir em São Paulo. Folha de S. Paulo, São Paulo. 07 de dez. 2012. Disponível em: <http://guia.folha.uol.com.br/noite/1196354-confira-32-bares-e-baladas-gays-para-curtir-em-sao-paulo.shtml>. Acessado em: 29.nov.2014

GOMES, R. Haddad inaugura primeiro centro de acolhida com espaço LGBT em São Paulo. Rede Brasil Atual, São Paulo, 10 de out de 2014. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/10/haddad-inaugura-primeiro-centro-de-acolhida-com-espaco-lgbt-em-sao-paulo-3196.html>. Acessado em: 28.dez.2014.

HAESBAERT, Rogério. Territórios Alternativos. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2002.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério; MONDARDO, Marcos. Transterritorialidade e Antropofagia: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileiro-latino-americana. GEOgraphia (UFF), v. 24, p. 19-50, 2010.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. Geo UERJ, Rio de Janeiro, v. 5, p. 7-19, 1999.

JUSBRASIL. Audiência debate homofobia na Frei Caneca. Disponível em: <http://al-sp.jusbrasil.com.br/noticias/2147691/audiencia-debate-homofobia-na-frei-caneca> Acessado em 23.nov.2014.

JUSBRASIL. Combate à homofobia: no próximo domingo (9/12), no Largo do Arouche, Defensoria Pública de SP promove orientação jurídica sobre lei estadual que penaliza a discriminação por orientação sexual. Disponível em: <http://dp-sp.jusbrasil.com.br/noticias/100228099/combate-a-homofobia-no-proximo-domingo-9-12-no-largo-do-arouche-defensoria-publica-de-sp-promove-orientacao-juridica-sobre-lei-estadual-que-penaliza-a-discriminacao-por-orientacao-sexual>. Acessado em 23.nov.2014.

JUSBRASIL. Dia da Visibilidade Trans: no próximo domingo (27/1), no Largo do Arouche, Defensoria Pública de SP promove orientação jurídica sobre direitos e combate à discriminação por orientação sexual. Disponível em: <http://dp-sp.jusbrasil.com.br/noticias/100309097/dia-da-visibilidade-trans-no-proximo-domingo-27-1-no-largo-do-arouche-defensoria-publica-de-sp-promove-orientacao-juridica-sobre-direitos-e-combate-a-discriminacao-por-orientacao-sexual> Acessado em 23.nov.2014.

MACRAE, Edward J. B. N. Em Defesa do Gueto. In: GREEN, J. N. e TRINDADE, R. (Org.). Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2005. P. 291-308.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas,2010.

MELUCCI, Alberto. A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MENDES, G. Bomba caseira explode e fere 21 após a Parada Gay em São Paulo. O Globo, Rio de Janeiro, 15 de jun de 2009. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/bomba-caseira-explode-fere-21-apos-parada-gay-em-sao-paulo-3192324>. Acessado em: 24.out.2014.

MICHAELIS. Dicionário Online de Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acessado em: 23.nov.2014

MINISTÉRIO DO TURISMO. Parada gay movimenta economia do turismo em SP. 02 de mai de 2014. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20140502_4.html>. Acessado em: 05.dez.2014.

NAKANO; K, CAMPOS, C. M, ROLNIK, R. Dinâmicas dos subespaços da área central de São Paulo. In: EMURB. Caminhos para o Centro. – estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo. São Paulo, EMURB, 2004.

NASCIMENTO, B. Público gay consome, em média, 30% mais que consumidor hétero. Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2013/06/01/internas_economia,369065/publico-gay-consome-em-media-30-mais-que-consumidor-hetero.shtml>. Acessado em: 10.jul.2014.

ORNAT, Marcio Jose. Espacialidades travestis e a instituição do território paradoxal. In Geografias subversivas. Discurso sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009.

PAGNAN, R. Skatistas são suspeitos de matar gay em São Paulo. Folha de S. Paulo, São Paulo, 03 de fev de 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1406627-skastistas-sao-suspeitos-de-matar-gay-em-sao-paulo.shtml>. Acessado em: 23.nov.2014.

PELEGRINE, A; FARIA, A. E. Tela quente. Folha de S. Paulo, São Paulo, 01 de set. 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/revista/saopaulo/2013/09/01/1334948-tela-quente.shtml>. Acessado em: 11.nov.2014.

PEREIRA, E. Estado de SP é condenado a indenizar gay por agressão. O Estado de São Paulo, São Paulo, 13 de abri de 2009. Disponivel em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,estado-de-sp-e-condenado-a-indenizar-gay-por-agressao,354210.> Acessado em: 15.ago.2014.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PUCCINELLI, Bruno. Territórios sexuais: análise de sociabilidades homossexuais no shopping gay de São Paulo. In Revista Latino-americana de Geografia e Gênero. Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 133-140, jan. / jul. 2011.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2009.

SANTOS, Milton. Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: EDUSP, 2012.

SÃO PAULO (Estado). Lei N° 10.948, de 05 de novembro de 2001. Dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual

SIMÕES, Júlio Assis e FRANÇA, Isadora Lins. Do “gueto” ao mercado. In: GREEN, J. N. e TRINDADE, R. (Org.). Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2005. P.309-336.

SIMÕES, Júlio Assis e FACCHINI, Regina. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SILVA, José Fabio Barbosa da Silva. Aspectos sociológicos do Homossexualismo em São Paulo. In: GREEN, J. N. e TRINDADE, R. (Org.). Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2005. P.47-214.

SILVA, Jan Carlos. O Conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição. In: Ribeiro, M. A. (Org.). Território e Prostituição na Metrópole Carioca. Rio de Janeiro: Editora Ecomuseu Fluminense, 2002. P. 16-56.

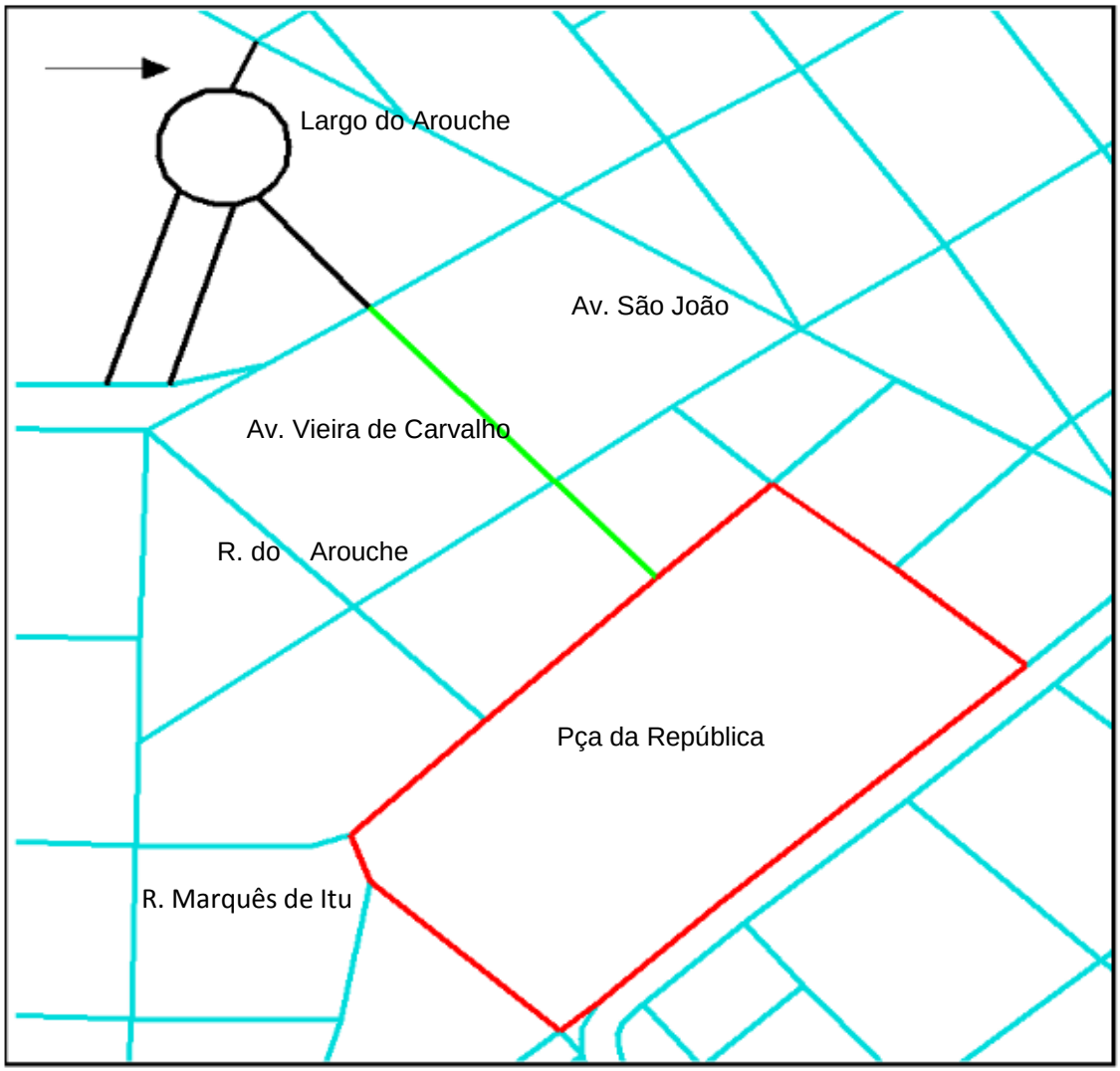
SILVA, Joseli Maria (org). Geografias subversivas. Discurso sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009.

TREVISAN, J. S. São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti. O Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, 26 de jul de 1980. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/cedoc/lampiao/30%20-%20LAMPIAO%20DA%20ESQUINA%20EDICAO%2026%20-%20JULHO%201980.PDF> Acessado em: 04.mai.2013

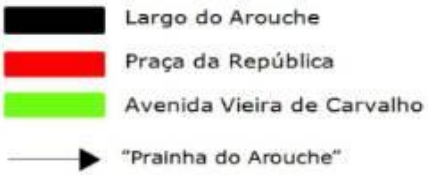
VEJA. Baladas Danger Dance Club Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/estabelecimento/danger-dance-club>. Acessado em 29.nov.2014

A N E X O S

ANEXO I: MAPA DO LARGO DO AROUCHE



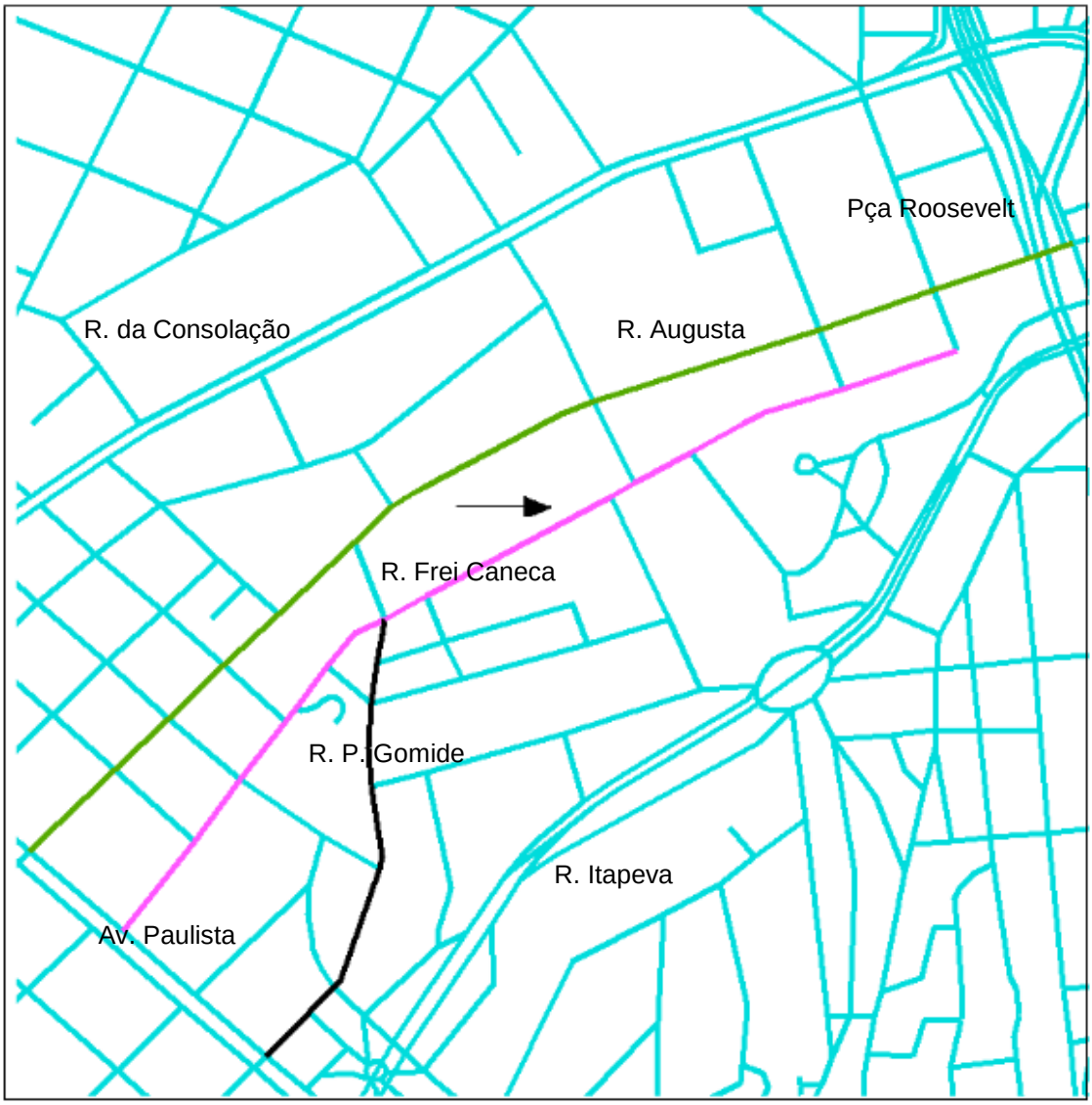
Escala 1: 98 m



Fonte: Centro de Estudos da Metrópole

Elaboração: Vicente, Tiago Augusto S., 2014.

ANEXO II: MAPA DA RUA FREI CANECA



Escala 1: 133 m

Rua Frei Caneca
Rua Peixoto Gomide
Rua Augusta
Shopping Center Frei Caneca

Fonte: Centro de Estudos da Metrópole

Elaboração: Vicente, Tiago Augusto S., 2014.